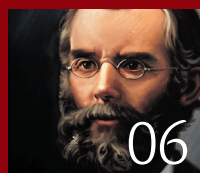




Páscoa: proteção e liberdade

A PÁSCOA FOI
CELEBRADA POR
JESUS COMO UM
EVENTO MESSIÂNICO.



JOHN ANDREWS, O PRIMEIRO MISSIONÁRIO

Conheça o primeiro
missionário Adventista.

06



O DOM DE LÍNGUAS

Como interpretar Atos 2:1-13?

14



UM RÉU PERDOADO À TANGENTE

A solução para o desespero
espiritual.

17



Exercício: anti-idade!

4

Segredos de Bem-estar

O nosso corpo foi criado para se mover. Enquanto uma vida sedentária aumenta o risco de muitas doenças, o exercício físico regular é uma boa maneira de me-

lhorar a saúde e a longevidade. O exercício pode beneficiá-lo grandemente! O exercício regular aumenta a força muscular, melhora a circulação sanguínea e aumenta o nosso nível de energia. Estimula o humor e reduz a depressão. Subir escadas, jardinar ou brincar ativamente com as crianças são formas de se ser fisicamente ativo. Mas, para reforçar a sua saúde, deve fazer exercício regular como

nadar, correr, andar de bicicleta ou simplesmente fazer marcha. Caminhar é uma atividade muito boa para ficar em forma e desfrutar da Natureza. Pode fazê-lo em qualquer lugar, em qualquer altura e em qualquer idade. 🐾

Pode começar hoje!

www.secretsofwellness.org

"EIS QUE CEDO VENHO"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR

António Rodrigues

Chefe de Redação

Paulo Sérgio Macedo

Coordenador Editorial

Paulo Lima

Colaboradores de Redação

Manuel Ferro e Lara Figueiredo

Projeto Gráfico e Diagramação

Sara Calado

Fotografias Ilustrativas © Shutterstock

E-mail revista.adventista@pservir.pt

PROPRIETÁRIA E EDITORA

Publicadora SerVir, S. A.

Diretor Carlos Simões Mateus

Sede e Administração

Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01

Controlo de Assinantes Paulo Santos

E-mail: assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19

Impressão e Acabamento Jorge Fernandes, Lda. Charneca da Caparica

Tiragem 1500 exemplares

Depósito Legal Nº 1834/83

Preço Número Avulso €1,90

Assinatura Anual €19,00

Isento de Inscrição no E. R. C. – DR 8/99 artº 12º Nº 1a ISSN 1646-1886

Ilustração da Capa © Shutterstock

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..



BÍBLIA

12

Cristo na cruz – A sinfonia da dor

O Filho de Deus veio à Terra para pagar com sangue os pecados da Humanidade.

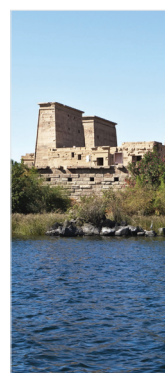


VIDA CRISTÃ

30

Casada, mas sozinha no Sábado

Quase todos os lares divididos por motivos religiosos têm de enfrentar sérios desafios quando chega o Sábado.



HISTÓRIA

22

Um encontro, dois caminhos, duas decisões!

Moisés podia ter-se tornado Faraó do Egito. Seria hoje uma múmia no Museu Britânico ou no Museu do Cairo.

04 "PORQUE CRISTO, NOSSA PÁSCOA, FOI SACRIFICADO POR NÓS." I CORÍNTIOS 5:7.

EDITORIAL

05 MEMO

18 NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

20 NOTÍCIAS NACIONAIS

27 ANDROCLES E O LEÃO

ESPAÇO JUVENIL

06 JOHN ANDREWS, O PRIMEIRO MISSIONÁRIO > HERANÇA ADVENTISTA

"Se se perdesse o Novo Testamento, eu seria capaz de reproduzi-lo palavra por palavra. Mas não posso afirmar o mesmo em relação ao Velho Testamento."

08 PÁSCOA: PROTEÇÃO E LIBERDADE > ARTIGO DE FUNDO

A Páscoa foi comemorada por Jesus como um evento messiânico.

14 O DOM DE LÍNGUAS > TEOLOGIA

Atos 2:1-13 é um dos textos mais usados para se provar que o dom de línguas é um fenómeno sentimental e extático. Será correta essa interpretação?

17 UM RÉU PERDOADO À TANGENTE > REFLEXÃO

"Sempre que este esmagador senso de falhanço espiritual e moral me domina, eu refugio-me na cruz."

28 O FILHO PRÓDIGO DENTRO DE CASA > DEVOCIONAL

O filho mais velho nunca reconheceu o filho mais novo como seu irmão.

33 EXCELÊNCIA, RANKING E FILOSOFIA EDUCACIONAL ADVENTISTA

> EDUCAÇÃO

A educação do ser humano é vista como um ministério – um ministério restaurador da imagem de Deus na Humanidade.





“Porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós.” I Coríntios 5:7.

“Assim pois o comereis”, disse Ele. “Os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a Páscoa do Senhor” (Êxodo 12:11). Na última noite da servidão de Israel no Egito, Deus tinha um plano de livramento. Antes, Ele advertira o Faraó do iminente juízo sobre os Egípcios e deu aos Hebreus instruções para reunirem as suas famílias dentro das próprias casas. Deveriam aspergir as ombreiras e as vergas das suas portas com o sangue do cordeiro imolado, deveriam comer o cordeiro, assado, com pão sem fermento e ervas amargas. Foi assim instituída a Páscoa, que significa “Passagem”. Daí em diante, a Páscoa seria um memorial de libertação, não apenas do Egito no tempo de Moisés, mas do presente mundo de pecado. Libertação e expiação são, sem dúvida, os verdadeiros significados da Páscoa. Naquela noite, um anjo poderoso passaria pelo Egito e só aqueles que tinham colocado sangue de um cordeiro nas ombreiras da porta poriam a salvo o seu primogénito. Mais tarde, o apóstolo Paulo escreveu: “Não por intermédio de sangue de bodes e novilhos, porém mediante seu próprio sangue, ele entrou no Santo dos Santos, de uma vez

por todas, conquistando a eterna redenção” (Hebreus 9:12). E hoje, quando lemos as palavras de João Batista dirigidas a Jesus – “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (João 1:29) –, compreendemos a importância de Cristo ter derramado o Seu sangue para salvar a Humanidade. Aquele sangue aspergido nas ombreiras das portas simbolizava o sangue de Cristo. A Bíblia diz-nos: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Também o apóstolo Paulo, quando escreveu aos Efésios, disse: “Somos redimidos por seu sangue, através da fé” (Efésios 1:7). Deus Pai revelou o Seu amor por nós, enviando o Seu Filho a este mundo. Ele confirmou o seu plano ao escolher o nome “Jesus” para o Seu Filho. Jesus, *Yehoshua* em hebraico, significa “o Senhor salva”. Através do Seu nascimento, ministério, vida, morte e ressurreição, Jesus revelou total empenho na salvação do homem. “Porque o Filho do homem veio salvar o que se tinha perdido” (Mateus 18:11).

Ainda hoje, quando participamos na Ceia do Senhor, demonstramos que aceitamos a salvação ao bebermos o sumo da videira

que simboliza o sangue de Jesus Cristo derramado por nós. “Todas as vezes que comereis este pão e beberdes este cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que venha” (I Coríntios 11:26). É este sangue precioso de Jesus que dá esperança no meio das tribulações, segurança no meio das incertezas, conforto no meio das dúvidas e alegria no meio do choro e da tristeza. Estas são as coisas que nunca devemos esquecer. Jamais devemos esquecer que fomos redimidos pelo precioso sangue de Cristo. Temos um intercessor hoje, que expia os nossos pecados confessados e abandonados. Ele pagou um elevado preço para nos resgatar do pecado e dar-nos a vida eterna. Ellen G. White explicou a obra salvadora de Cristo da seguinte forma: “Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos ser tratados como Ele merece. Ele foi condenado por nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que era Sua. ‘Pelas suas pisaduras fomos sarados’” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 25). ♣

· **Pr. António Rodrigues,**
presidente da UPASD

MEMO

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

abril

01-05	Congresso Nacional de Jovens
01-05	Encontro de Profissionais de Saúde
04	Dia de Jejum e Oração
11	Dia das Visitas da Escola Sabatina
18	Distribuição do Livro Missionário
25	Dia da Educação

maio

01-10	Campanha Nacional da ADRA
03	Conselho Nacional de Educação
16-17	Escola de Formação JA Nível 1 Norte e Centro
23 e 24	Escola de Formação JA Nível 1 Lisboa e Alentejo
28	Formação do Diaconato R. E. Lisboa e Vale do Tejo

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

abril

06-10	União do Norte da Alemanha (NGU)
13-17	Faculdade de Marienhöhe (EUD)
20-24	União Espanhola (EUD)
27/03-01/04	União Checoslovaca (CSU)

maio

04-08	Publicadora Safeliz (EUD)
11-15	Universidade Adventista de França (EUD)
18-22	Associação da Hansa (NGU)
25-29	Seminário Teológico de Sagunto (SPU)

ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 15h30 // ANTENA 1, a partir das 22h47

27/04	Segunda-feira
29/04	Quarta-feira
18/05	Segunda-feira

CAMINHOS

RTP2, às 11h // ANTENA 1, a partir das 06h

10/05	Domingo
-------	---------



BANCO DE LEITURA

Um Inimigo Vencido

Sinais dos Tempos

O Banco de Leitura deste mês é consagrado à revista *Sinais dos Tempos* do primeiro trimestre de 2015, que tem por título *Um Inimigo Vencido*. Este número da revista expõe a visão Adventista sobre a morte e sobre



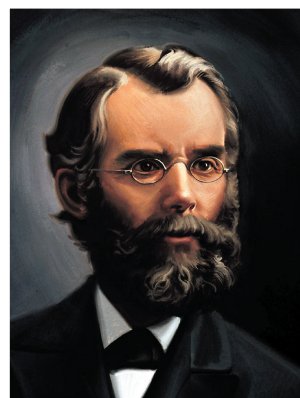
como vencê-la. No primeiro artigo da temática, intitulado “Um inimigo vencido”, Paulo Lima apresenta a base bíblica da esperança que os Cristãos podem ter face à morte. Ele discute a natureza mortal do homem e o estado do homem na morte, mostrando os respetivos fundamentos bíblicos. Depois, é explorada a fé bíblica na futura ressurreição dos mortos.

Assim, este artigo procura expor sistematicamente a base bíblica da perspectiva Adventista sobre a morte. No segundo artigo temático, que tem por título “Corpo e alma”, o teólogo Samuele Bacchiocchi discute a tradicional divisão do homem em corpo e alma, mostrando o que a Bíblia ensina sobre a natureza humana na ocasião da Criação, após a Queda e depois da Redenção. O terceiro artigo sobre o tema da morte é escrito por Joy Wendt e apresenta-nos três verdades que devemos saber acerca da morte: Primeira, a realidade da morte não é culpa de Deus; segunda, os nossos entes queridos falecidos estão a repousar na sepultura; e terceira, iremos reencontrar-nos com eles na manhã da ressurreição. A revista *Sinais dos Tempos* deste trimestre tem ainda um artigo sobre vida cristã, da autoria de Loren Seibold, que nos ensina sobre como vivermos livres do sentimento de culpa. A autora discute a natureza do sentimento de culpa e indica também uma solução bíblica para o ultrapassarmos.

Este número da *Sinais dos Tempos* inclui ainda, como habitualmente, duas secções que ampliam os nossos conhecimentos sobre a Bíblia. Na secção “Linha Aberta” o teólogo Ángel Manuel Rodríguez discute o verdadeiro significado da parábola do pobre Lázaro, mostrando que ela não fornece apoio para a tradicional perspectiva “cristã” sobre a vida para além da morte. Na secção “A Bíblia Ensina” é apresentado um revelador estudo bíblico sobre o estado do homem na morte. Assim, caro Leitor, está lançado o convite para obter e ler com atenção esta interessante revista. Ela irá, sem dúvida, alargar as suas perspetivas sobre o fundamento bíblico subjacente à crença Adventista acerca da morte e acerca da imortalidade condicional que nos é oferecida por Deus. ✎

Paulo Lima

Redator da Revista Adventista



John Andrews, o primeiro missionário

Filho de Sarah e Edward Andrews, John Nevins Andrews nasceu na cidade de Portland, Estado do Maine, nos Estados Unidos da América, em 22 de julho de 1829. Aos cinco anos, Andrews ouviu a pregação de um pastor baseada em Apocalipse 20:11: “Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles.” Tais palavras exerceram tão vívida impressão sobre a sua mente que ele jamais se esqueceu daquela mensagem.

Desde a sua infância, Andrews adotou a Bíblia como o seu livro de estudo e de investigação, tornando-a na sua bússola para lhe indicar o caminho da verdade e da justiça. Tinha quinze anos quando, em 22 de outubro de 1844, enfrentou a sua primeira prova espiritual ao passar pela experiência do Grande Desapontamento. Depois desta experiência, Andrews não passou apenas a amar a mensagem do Advento, mas também a compreender as razões da sua fé. Esteve entre os primeiros Adventistas que testemunharam o cum-

primento profético da mensagem de Apocalipse 14 e se aperceberam da necessidade de a observância dos mandamentos – entre eles o mandamento do Sábado – ser reafirmada através de uma exposição clara da Palavra de Deus.

Ao vinte anos, escreveu o seu primeiro artigo para a revista *The Present Truth* (A Verdade Presente), no qual exortou os Adventistas a viverem uma experiência de sincera e profunda humilhação perante Deus. Em 1851, aos vinte e um anos, Andrews iniciou o seu ministério pastoral e, nesse mesmo ano, escreveu para a *Review and Herald* (Revista e Arauto) um artigo identificando a besta com chifres semelhantes aos de um cordeiro de Apocalipse 13 com os Estados Unidos da América.

Em 29 de outubro de 1856, Andrews casou-se com Angeline Stevens. Desse casamento nasceram quatro filhos: Charles Melville e Mary Frances; outros dois filhos morreram quando ainda eram crianças. Infelizmente, a sua esposa faleceu em 1872, de tuberculose, e, assim, Andrews viveu o resto da vida como viúvo.

Como profundo estudioso das Escrituras, Andrews pesquisava a Bíblia nas línguas originais. Ele contribuiu assim para a criação do princípio da benevolência sistemática e também para a determinação bíblica do início e do fim do Sábado. Entre 1867 e 1869 foi presidente da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Campo missionário

Em 1859, um leitor fez a seguinte pergunta a Uriah Smith, editor da *Review and Herald*: “A tríplice mensagem angélica está a ser pregada em todo o mundo ou será apresentada apenas nos Estados Unidos?” Em resposta, Smith escreveu que talvez não fosse necessário proclamar essa mensagem noutros países, uma vez que a população dos Estados Unidos era composta de pessoas de quase todas as nações.

A visão dos líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia no que tocava à pregação do Evangelho noutros campos missionários foi-se desenvolvendo gradualmente. Trinta anos se passaram desde 1844 até que o primeiro missio-

nário fosse enviado oficialmente numa missão além-mar, a fim de pregar a mensagem da salvação em Cristo a “muitos povos, nações, línguas e reis” (Apocalipse 10:11).

No início da década de 1870, um novo espírito missionário surgiu na Igreja. Imigrantes que se tinham convertido como resultado da pregação da mensagem do Advento passaram a escrever cartas aos seus familiares e a enviar literatura Adventista para todas as partes do mundo. Foi estabelecida uma sociedade missionária e criado um jornal para sustentar o esforço missionário da Igreja. O texto bíblico adotado como lema deste jornal foi: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16:15).

Em abril de 1874, enquanto Ellen G. White estava na Califórnia, Deus concedeu-lhe um sonho surpreendente, no qual ela ouviu a voz de um anjo dizendo-lhe: “As vossas ideias acerca do trabalho para este tempo são demasiado acanhadas. A vossa luz não se deve limitar a um espaço pequeno, nem ser posta debaixo do alqueire ou da cama; deve ser posta no castiçal, para que produza claridade para todos quantos estão na casa de Deus. É preciso ter uma mais ampla concepção da obra. [...] A vossa casa é o mundo. Nunca percam de vista o facto de que a mensagem é mundial. A mensagem irá com poder a todas as partes do mundo. Nada é impossível para Deus.”

Este testemunho divino foi decisivo para convencer John Nevins Andrews a tornar-se no primeiro missionário oficial da nossa Igreja. E assim, a 15 de setembro de 1874, Andrews, o seu filho e a sua filha partiram do porto de Boston a bordo do navio Atlas rumo à Suíça. No ano seguinte, fundou a Sociedade Missionária e de Tratados.

Paixão pela escrita

Ao longo de um ministério de onze anos no continente europeu, Andrews estudou várias estratégias para evangelizar os países da Europa. Além de usar a pregação e o evangelismo pessoal e público, Andrews fez das publicações a sua mais poderosa ferramenta evangelística.

Procurou desenvolver e aperfeiçoar a habilidade de escrever. Durante mais de trinta anos, enviou para a casa editora Review and Herald muitas dezenas de artigos, que foram publicados em vários periódicos.

Em 1875, foram publicadas três mil cópias de diversos panfletos que versavam sobre o milénio, a volta de Jesus, o juízo final e o santuário, e mais de dez mil cópias de um panfleto sobre o Sábado.

Além disso, Andrews decidiu lançar uma revista mensal em francês – *Les Signes des Temps* (Os Sinais dos Tempos) – que teve o seu primeiro número impresso em julho de 1876. Enquanto o seu filho Charles o ajudava na impressão do material, a filha Mary fazia a revisão dos textos, pois ela possuía um excelente domínio da língua francesa.

Num período de sete anos, Andrews escreveu mais de 480 artigos em diversas línguas, isto é, uma média de cinco a seis artigos por mês. O seu interesse pelas publicações aumentava, à medida que o Evangelho era pregado em solo europeu.

No fim de 1882, cerca de 200 000 cópias da revista *Les Signes des Temps* tinham sido distribuídas na Europa e noutros vinte e quatro países espalhados pelos restantes quatro continentes do mundo. Nesse mesmo ano, três novos periódicos foram lançados por Andrews. Em alemão, o *Herold der Wahrheit* (O Arauto da

Verdade), em italiano, o *L'Ultimo Messagio* (A Última Mensagem) e, em romeno, o *Adeverulu Present* (A Verdade Presente).

Convém sublinhar que a principal fonte de inspiração para os escritos de John Andrews era a Palavra de Deus, livro que amava e estudava intensamente. A sua paixão pelas Escrituras levou um dos seus amigos a perguntar-lhe se já tinha memorizado toda a Bíblia. Com um sorriso, respondeu: “Se se perdesse o Novo Testamento, eu seria capaz de reproduzi-lo palavra por palavra. Mas não posso afirmar o mesmo em relação ao Antigo Testamento.” Além do inglês, Andrews era capaz de ler a Bíblia em francês, alemão, italiano, grego, hebraico e latim.

Como um servo fiel e bem qualificado, Andrews dedicou à obra de Deus toda a sua capacidade de liderança, o seu domínio das línguas estrangeiras, as suas habilidades como pregador, editor e escritor. No fim da sua jornada pela Europa havia Adventistas do Sétimo Dia espalhados por doze países.

Em 21 de outubro de 1883, John Nevins Andrews descansou no Senhor. Viveu 54 anos e, durante esse período, buscou sempre fazer o melhor para Deus. Combateu o bom combate, completou a carreira e guardou a fé em Cristo Jesus.

Louvado seja Deus por usar com grande poder este notável servo, que lançou as primeiras sementes da verdade nos campos missionários, as quais vieram a produzir muitos frutos para o reino de Deus! Ele foi uma luz resplandecente para levar a Cristo as nações do Velho Mundo. ✎

• Renato Stencel

Diretor do Centro White na UNASP

Páscoa:

proteção e liberdade

A Páscoa foi comemorada por Jesus como um evento messiânico.

As festas litúrgicas caracterizam a vida religiosa de um povo, e com Israel não era diferente. As suas festas anuais comemoravam os grandes feitos divinos operados em seu favor no passado, fortaleciam a fé em Deus, bem como na Sua presente e contínua proteção e apontavam para a Sua futura provisão face ao pecado: a vinda do Redentor. Dessa forma, estimulavam o zelo religioso nacional, consciencializando, de forma mais intensa, cada Israelita da sua dependência de Deus e gerando nele um maior sentimento de gratidão e de amor Àquele a Quem tudo devia.

Infelizmente, com o passar do tempo, as festas e outras atividades ligadas ao santuário degeneraram em formalismo. Perdido de vista o propósito principal delas, tornaram-se mera ostentação de um sistema religioso vazio (ver

Isa. 1:1-14). Esta era a situação predominante entre os Judeus nos dias de Jesus.

A Páscoa e outros festivais

Entre as festas do calendário litúrgico, a Páscoa ocupava lugar preponderante. Associada com a festa dos Pães Asmos, ela, a festa de Pentecostes e a festa dos Tabernáculos perfaziam as chamadas *festas de peregrinação*, quando a presença de cada Israelita em Jerusalém era requerida (ver Êxo. 23:14-17; 34:23; Deut. 16:16). Nota-se a importância da Páscoa no facto de que não havia qualquer penalidade expressa para aqueles que não observassem as outras festas de peregrinação, mas era penalizado aquele que não observasse a Páscoa (Núm. 9:13). Era tão importante a comemoração da Páscoa que a Lei fazia provisão para quem não pudesse observá-la na ocasião própria, de-

vendo fazê-lo, sem falta, um mês depois (Núm. 9:10-12).

A Páscoa marcava a abertura das festas anuais, tal como eram prescritas em Levítico 23. Do versículo 4 em diante, podem estabelecer-se sete festas e sete sábados cerimoniais:

FESTAS CERIMONIAIS	DATA
Páscoa	14 de Nisan
Pães Asmos	15 a 21 de Nisan
Primícias	16 de Nisan
Pentecostes	6 de Sivan
Trombetas	1º de Tishri
Expição	10 de Tishri
Tabernáculos	15-21 (22) de Tishri

A estas festas, mais duas foram acrescentadas, depois do exílio babilónico: *Purim*, em 14 e 15 de Adar, o décimo segundo mês (Est. 9:23-28); e *Hanukka* (Dedicação), em 25 de Kislev, o nono mês.

Origem e elementos da Páscoa

A palavra hebraica para Páscoa é *Pesach*, cujo sentido se infere do contexto do evento comemorado. O termo significa “passagem”, da forma verbal *pasach*, “passar por cima”, “omitir”, “deixar de lado”, precisamente como acontece em inglês, em que a Páscoa bíblica é chamada *Passover* (“passar sobre”). Após o Êxodo, a Páscoa seria comemorada em memória dos acontecimentos que culminaram na saída de Israel do Egito, com particular referência à morte dos primogénitos egípcios. Naquela terrível noite para os opressores, mas não para os oprimidos, o anjo da morte “passou por alto”, isto é, deixou de lado as casas onde famílias de Hebreus residiam, poupando a vida dos seus primogénitos.

Mas não bastava que ali vivesse uma família israelita. O que garantia a preservação da vida era a marca de sangue nos umbrais da porta: o sangue derramado e aplicado foi, naquela noite, sinónimo de vida poupada (Êxo. 12:12 e 13, 22 e 23). O sangue provinha do cordeiro sacrificado para esse fim, o cordeiro pascal, morto vicariamente, isto é, em vez dos primogénitos humanos. Assim, em virtude do sacrifício da Páscoa, a morte “passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito” (v. 27). Precisamente após esse facto, os Israelitas foram libertados, partindo rumo à terra prometida. A Páscoa, de facto, está relacionada com a ideia de proteção, resgate, salvação e liberdade.

Em Êxodo 12 encontramos os elementos que compunham a festa: 1) Um cordeiro “sem mancha” (vv. 3-5) para ser sacrificado – sem ele, simplesmente não havia Páscoa, pois esta equivalia ao sacrifício do cordeiro (v. 21).

2) O cordeiro devia ser assado inteiro e comido, sem que nenhum

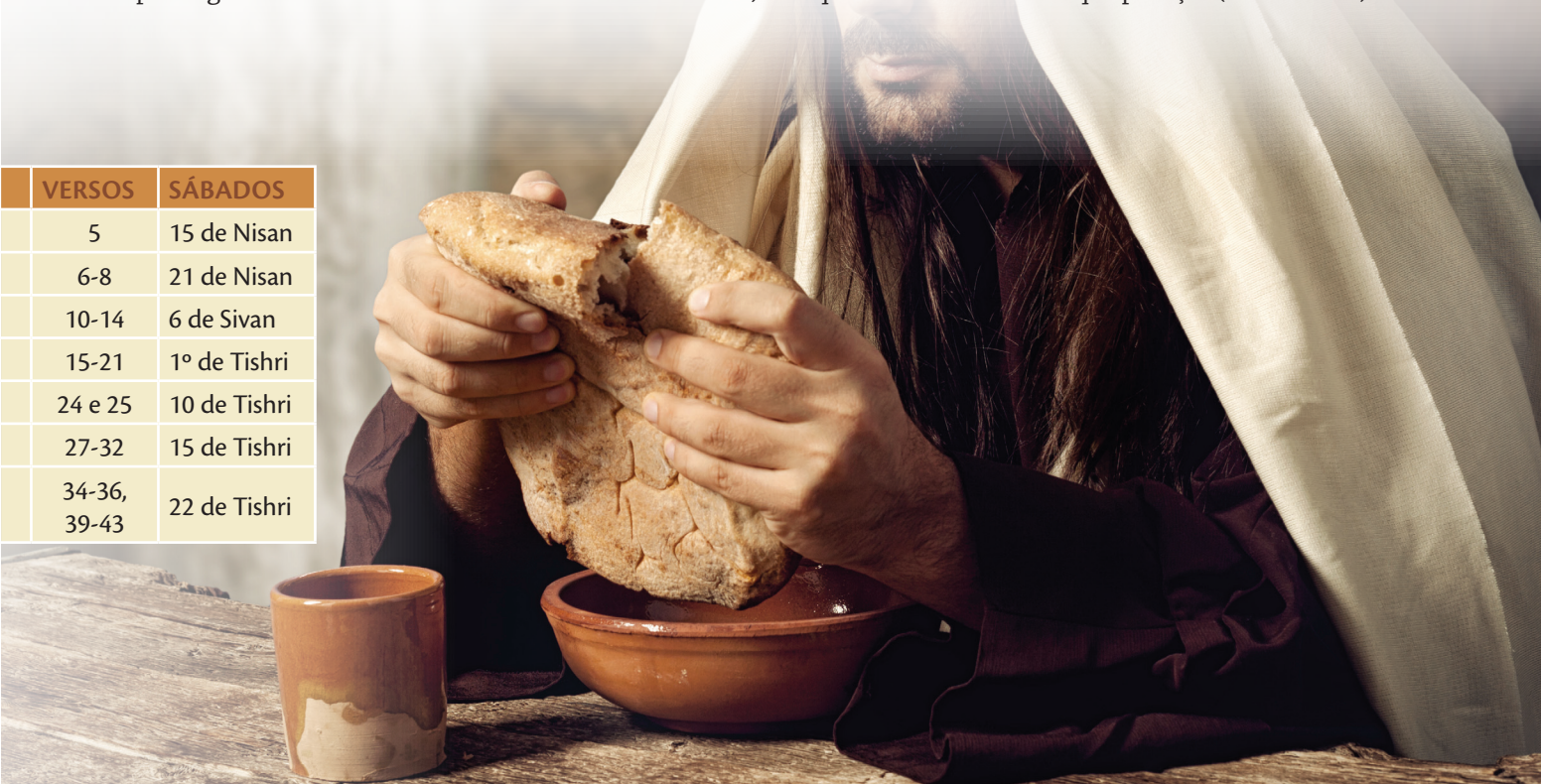
dos seus ossos fosse partido (v. 46).

3) A refeição pascal devia ser acompanhada de pão não levedado e ervas amargas (v. 8) – enquanto estas eram um símbolo apropriado da amargura da escravidão, o pão sem fermento representava a pureza e a integridade. Num certo aspeto, o fermento, na Bíblia, é símbolo do pecado (I Cor. 5:7 e 8).

A Páscoa no Novo Testamento

A Santa Ceia instituída por Jesus na quinta-feira à noite (o dia anterior à crucificação) foi uma refeição pascal. Os Evangelhos afirmam que Jesus comeu a Páscoa com os discípulos naquele dia (Mat. 26:17-19; Mar. 14:12; Luc. 22:7-15). Mas não há qualquer declaração sobre o sacrifício do cordeiro, o qual, no tempo de Jesus, era efetuado no templo e teria lugar no dia seguinte, sexta-feira, entre as 14h30 e as 15 horas. A antecipação do evento cumpriu o propósito de Jesus. Ele afirmou, no contexto da ceia: “Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça” (Lucas 22:15).

VERSOS	SÁBADOS
5	15 de Nisan
6-8	21 de Nisan
10-14	6 de Sivan
15-21	1º de Tishri
24 e 25	10 de Tishri
27-32	15 de Tishri
34-36, 39-43	22 de Tishri



A ausência de vítima pascal indica o momento da transição, quando Jesus tomara o lugar do cordeiro e o antítipo cumpriria o tipo. A Páscoa, portanto, foi comemorada por Jesus em termos de evento messiânico. O cordeiro pascal iria ser imolado, porque Jesus, Ele mesmo, seria esse cordeiro a ser oferecido justamente no dia de celebração da Páscoa. E, uma vez que a refeição pascal incluía pão asmo, esse elemento manteve-se na Santa Ceia, e foi servido por Jesus aos discípulos, como símbolo do Seu corpo, o corpo do verdadeiro Cordeiro pascal. O vinho, outro elemento da refeição pascal, foi então servido como símbolo do Seu sangue que, pouco depois, seria derramado “em favor de muitos, para remissão dos pecados” (Mat. 26:28), tal como, no princípio, o sangue do cordeiro pascal fora derramado para a preservação de vidas.

Efetivada, assim, a transição, restava agora a Jesus cumprir tudo aquilo que antes fora estabelecido como figura e sombra. Ele foi sacri-

ficado no dia seguinte como vítima pascal, morrendo na cruz “por volta da hora nona” (Mat. 27:46), precisamente a hora do sacrifício do cordeiro no templo. Por isso, Jesus é identificado no Novo Testamento como o Cordeiro de Deus, sem defeito e sem mácula, que tira o pecado do mundo, Aquele a Quem, no Seu sacrifício, não quebraram nenhum osso (I Ped. 1:19; João 1:29, 36; 19:36).

Aqui, a Páscoa alcança o seu mais profundo significado. De facto, Jesus é “o nosso Cordeiro Pascal” (I Cor. 5:7), e por Ele desfrutamos da vida e da liberdade (João 8:31 e 32, 34-36).

Deturpação

Notamos que, segundo a Bíblia, a Páscoa esteve mais relacionada com a morte de Jesus do que com a Sua ressurreição, embora este último evento estivesse indiretamente envolvido. Com a Sua ressurreição, Jesus cumpriu o cerimonial do molho movido que ocorria no transcurso dos dias dos

Pães Asmos (Lev. 23:6-12). Ele ressuscitou como “as primícias” dos que dormem (I Cor. 15:23).

Porquê, então, no Cristianismo de hoje, a Páscoa está mais ligada à ressurreição do que à cruz?

Naturalmente houve, devido à apostasia que invadiu o Cristianismo depois da era apostólica, uma deturpação do sentido cristão da Páscoa. Mais ou menos a meio do segundo século, uma controvérsia pascal começou a ocorrer sobre quando e como essa festa deveria ser comemorada. Os Cristãos da Ásia Menor, sob a liderança de Policarpo, defendiam um dia fixo anual, correspondente ao 14 de Nisan, em que jejuavam e concluíam a celebração com a Santa Ceia e uma refeição fraterna, chamada *ágape*. Os Cristãos ocidentais, sob a liderança de Aniceto de Roma, defendiam um tempo semanal fixo, o primeiro fim de semana após a data do 14 de Nisan, sendo a sexta-feira e o sábado dias de tristeza e jejum, e o domingo dia de alegria.





Embora Vitor, bispo de Roma, tentasse em 168 AD impor a todas as Igrejas o costume romano de celebrar a Páscoa, todos os anos, ao domingo, a controvérsia perdurou até ao quarto século, e só foi resolvida por força de concílios. Em 314 AD, o Concílio de Arles declarou que a coisa mais desejável de todas era que “a *pascha* do Senhor fosse observada num único dia e num único tempo em todo o mundo”. O Concílio de Niceia deu continuidade ao parecer de Arles, determinando que a Páscoa recaísse, em cada ano, no domingo seguinte à primeira lua cheia depois do equinócio vernal, quando se dava o início da primavera. É bom recordar que este concílio foi convocado em 325 AD pelo mesmo Constantino que, quatro anos antes, tinha promulgado o decreto dominical, exigindo a observância do “venerável dia do Sol” em todo o império. Segundo o historiador Eusébio, a razão apresentada pelo imperador para essa deliberação foi mais ou menos a mesma que motivou líderes cristãos a adotarem, como dia de guarda, o primeiro dia da semana em vez do sétimo: romper qualquer vínculo com os Judeus. Não é, pois, por acaso que a Páscoa cristã se chama, em inglês, *Easter* (*East* significa “Este” ou “Oriente”, o lado do Sol nascente). Esse termo está ligado ao aparecimento e à ascensão do

Sol na primavera, e tem o sentido de renovação, renascimento, fertilidade, etc.; supuseram, portanto, que nada seria mais original do que comemorar a Páscoa sempre no dia do Sol. Tudo isso contribuiu para, posteriormente, serem agregados ao contexto pascal elementos populares pagãos, como o ovo de Páscoa (o ovo era símbolo de fertilidade e de nascimento, no culto do Sol, o Mitraísmo) e a figura do coelho, animal considerado dos mais prolíficos em toda a Natureza.

Mais tarde, o Concílio de Cartágo (397 AD) e o Sínodo de Toledo (400 AD) reafirmaram a posição dos Concílios de Arles e de Niceia. Deste modo, foi dado à Páscoa um sentido mais restrito, sendo aplicada exclusivamente à ressurreição de Cristo.

Conclusão

Não há qualquer indicação no Novo Testamento de que os Cristãos do primeiro século celebravam, cada ano, o dia da morte ou da ressurreição de Jesus como Páscoa, porque o Salvador, ao morrer, deu cumprimento final ao significado de todas as festas judaicas, com os seus ritos, sábados cerimoniais, etc.. Simplesmente já não tinham razão de ser (Gál. 4:10 e 11; Col. 2:16 e 17).

A forma bíblica de comemorar a Páscoa é, acima de tudo, espiri-

tual. Começamos a fazê-lo através do batismo por imersão, segundo o que Paulo declara em Romanos 6:3 e 4, o que sela a nossa união com Cristo (v. 5). Isso sim, tem valor. E mais: essa experiência renova-se cada dia, à medida que avançamos na vida cristã, alimentando-nos do Cordeiro pascal e do verdadeiro pão, Cristo (João 6:35, 48, 50 e 51, 53-58, 63), o que nos leva a morrermos continuamente para o pecado e a andarmos “em novidade de vida” (Rom. 6:4).

A participação periódica na Ceia do Senhor, que tomou o lugar da antiga Páscoa, confirma essa maravilhosa comemoração. Por isso, é importante um preparo prévio para a Ceia. Paulo diz: “Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de facto, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade” (I Cor. 5: 7 e 8).

Isto, sem dúvida, habilitar-nos-á um dia a tomarmos a Ceia com Jesus no Seu reino, conforme a Sua promessa em Mateus 26:29.

E não é isso o que mais desejamos? ✨

• **José Carlos Ramos**
Teólogo



Cristo *na* CRUZ – a sinfonia da dor

*O Filho de Deus veio à Terra para pagar
com sangue as culpas da Humanidade.*

Sobre uma cruz romana, instrumento de morte e símbolo de vergonha, ficou suspenso o Filho de Deus entre o Céu e a Terra. Hoje, essa mesma cruz é reconhecida como o ponto central da História. Antes da cruz de Cristo, tudo foi esperança para os que anelavam a Redenção. Depois da cruz de Cristo, tudo é regozijo para os que creem.

No entanto, esta cruz, reverenciada por tantos, tem uma negra história. Cícero, o célebre orador romano, disse acerca dela: “Tudo o que tem a ver com a cruz deve manter-se afastado dos cidadãos romanos; não apenas do seu

corpo, mas até dos seus pensamentos, olhos e ouvidos.”¹ É que o espantoso da cruz não era simplesmente morrer nela; o espantoso era não se poder morrer rapidamente. Na cruz humilhavam-se os homens que desafiavam Roma. E Roma sabia vingar-se. Sabia castigar. Foi na cruz de alguém que desafiara Roma, Barrabás, que Cristo foi cravado. “E era a hora terceira, e o crucificaram” (Marcos 15:25).

Como era a crucificação

Em 1968, em Israel, achou-se um lugar que continha os ossos de trinta e cinco homens que tinham

sido executados durante a rebelião judaica contra Roma, no ano 70 d.C.. Uma inscrição identificou um desses homens como sendo Yohan ben Ha'galgol. Quando os seus ossos foram examinados por especialistas da Escola de Medicina de Hadassa, pôde determinar-se que o homem martirizado tinha entre 25 e 30 anos e que media um pouco menos de 1 metro e 70 centímetros.

O estado do esqueleto também mostrava que o homem tinha sido crucificado de uma maneira parecida com a do nosso Senhor Jesus Cristo. Um cravo tinha atravessado ambos os pés, os quais

foram torcidos para fora, para que o cravo pudesse ser cravado no tendão de Aquiles. Os cravos também atravessavam ambos os antebraços, justamente na região dos pulsos. Os exames que se fizeram aos ossos também revelaram que as pernas do homem foram esmagadas abaixo dos joelhos. Os carrascos romanos aceleravam a morte das vítimas de crucificação quebrando com um martelo as pernas dos crucificados (ver João 19:31-33). Isto ocasionava a asfixia, já que impedia os crucificados de se apoiarem sobre as pernas para respirar.

Outra descoberta arqueológica, datada do primeiro século da era cristã, é um osso de calcanhar de alguém não identificado, que foi achado noutro cemitério em Jerusalém. Atualmente conservado pela Autoridade das Antiguidades Israelita e exibido no Museu de Israel, esse osso tem ainda um cravo grande alojado no calcanhar. Parece que os carrascos atingiram o osso quando cravaram a vítima na cruz e não foram capazes de tirar o cravo quando retiraram o corpo para o sepultar.²

Segundo o Dr. Frederick Zugibe, um dos médicos forenses mais reconhecidos dos Estados Unidos da América e investigador da crucificação, a perfuração do nervo médio das mãos por um cravo pode causar uma dor tão intensa que nem sequer a morfina poderia aliviar; uma dor ardente, horrível, como relâmpagos que atravessavam o braço até à medula espinal. A rutura do nervo plantar do pé teria um efeito semelhante. Além disso, a posição do corpo sobre a cruz era concebida para tornar extremamente difícil a respiração.

Frederick Farrar descreve o efeito torturador da cruz como uma obra de um génio que se sublimasse no seu desejo de fazer

mal: “Uma morte por crucificação parece incluir tudo o que a dor e a morte podem ter de horrível e de espantoso – vergonha, câibras, sede, fome, falta de sono, febre, tétano, tormento de longa duração, horror da antecipação da morte, mortificação pelas feridas não cuidadas – tudo intensificado até ao ponto em que pode ser suportado, mas um pouco antes do ponto que daria ao supliciado o consolo da inconsciência.”³

Um médico chamou à tortura da cruz uma “sinfonia da dor”,⁴ produzida por cada movimento, com cada inspiração; mesmo uma pequena brisa sobre a pele poderia provocar uma dor intensa.

Sob o açoite de semelhante tortura, o Filho de Deus feito homem passou as Suas seis últimas horas. Tanto nos amou que quis ser humano para poder morrer, já que o ser divino não morre.

Morte por angústia

Sendo tão dolorosa a crucificação, a morte de Cristo acelerou-se devido a outra causa, a angústia. A evidência de morte por angústia provém do que sucedeu quando um soldado atravessou com a lança a caixa torácica de Cristo. João escreveu que “e logo saiu água e sangue” (João 19:34). Samuel Houghton, o célebre fisiologista da Universidade de Dublin, crê que somente a combinação da crucificação com a rutura do coração poderia produzir este resultado. O Dr. Frederick Zugibe, por seu lado, crê que Cristo morreu de colapso devido à perda de sangue e líquido, adicionada a um choque traumático devido às Suas feridas, a que se juntou um ataque cardíaco que levou a que o Seu coração sucumbisse.⁵

O que verdadeiramente aconteceu foi que o Seu Pai afastou d'Ele o Seu rosto e Cristo não

o suportou. Eles, que desde a eternidade tinham estado em absoluta comunhão, pareciam separar-Se. Ainda que o Seu Pai Se encontrasse nas trevas que rodeavam a cruz, Jesus não conseguiu percebê-l'O e clamou: “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?” (Mateus 27:46). Cristo sentiu nesse momento o horror que os perdidos experimentarão no juízo final e o Seu coração quebrou-se. Eis quão terrível é o pecado; mas tudo isto foi necessário, pois “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados” (II Coríntios 5:19).

O motivo

O Filho de Deus veio à Terra para pagar com sangue as culpas da Humanidade. “Cristo morreu por nossos pecados” (I Coríntios 15:3). A crucificação, esse ato vicário (feito em lugar dos outros) e expiatório (para tirar a culpa), revelou plenamente o caráter divino. “Mas, Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5:8).

Hoje, a sombra dessa cruz projeta-se sobre a Humanidade como uma recordação do preço que Deus esteve disposto a pagar para nos salvar. À sombra dessa cruz, onde se gerou a Redenção, descansam os Cristãos, esperando o dia em que o Crucificado volte, em busca daqueles que foram a causa das Suas chagas e a razão da Sua prostração. ✠

• Alfredo Campechano
Pastor

1. <http://webs.ono.com/pag1/haya/hoj-7.htm>.

2. <http://blogcristiano.net/cristo-jesus/la-evidencia-de-la-crucifixion/>.

3. <http://www.christiananswers.net/spanish/q-edén/jesusdeath-s.html>.

4. *Ibidem*.

5. <http://www.los cuentos.net/forum/4/8430/>.

O dom de línguas no Pentecostes

O livro dos Atos dos Apóstolos foi escrito por Lucas. Sendo autor também do Evangelho que leva o seu nome, Lucas deu-se conta de que o seu relato sobre a obra de Jesus no nosso mundo estava um tanto incompleto: Faltava o cumprimento da missão através dos discípulos. Pelo que, sabiamente, decidiu escrever o relato sobre a forma como a Igreja começou a crescer ultrapassando todo o tipo de obstáculos: autoridades governamentais, líderes religiosos, falsos irmãos e até a inclemência do tempo. O fundamental era narrar como a Palavra divina avançava desde Jerusalém, espalhado-se por toda a Judeia, pela Samaria e alcançando os confins da Terra.

O marco histórico dos Atos dos Apóstolos situa-se no apogeu do império romano. Augusto tinha colocado um sólido fundamento administrativo, que alguns dos seus sucessores mais aptos puderam consolidar e que os mais ne-

fastos não conseguiram derrubar. O livro dos Atos abarca os anos 31-63 d.C., incluindo os períodos governativos de Tibério (14-37), Calígula (37-41), Cláudio (41-54) e Nero (54-68). Enquanto Tibério e Cláudio promoveram o bem do seu império, Calígula e Nero pouco fizeram de bom.¹

No entanto, houve certas condições que permitiram a difusão do Evangelho: “Um governo relativamente estável, um sistema administrativo comum, a justiça romana, uma cidadania que cada vez se concedia com mais facilidade, a paz preservada pelas legiões bem disciplinadas, as estradas que chegavam a cada canto do mundo então conhecido e um idioma – o grego – que se entendia em quase todos os lugares.”²

Não há dúvida de que Atos 2:1-13 é um dos textos mais usados e mais significativos para se provar que o dom de línguas é um fenómeno sentimental e extático. Dadas as notáveis conjecturas que os promotores da glossolalia (o

falar em línguas) ligaram a esta passagem, muitos desconsideram as suas implicações. No entanto, apesar do que se diga sobre esta parte da Bíblia, não pode negar-se que o Pentecostes representou uma experiência relevante para a Igreja Primitiva, de modo que a transformou num verdadeiro movimento missionário que superou os diversos obstáculos que se foram colocando.³

Além disso, é importante recordar que Atos 2:1-13 diz respeito ao derramamento do Espírito Santo, um milagre de grande importância para o povo de Deus, o qual significou, entre outras coisas, a receção do poder do Céu para se cumprir a missão. Assim, não é por acaso que Satanás procura tornar confusa a interpretação destes versículos.

Segundo a Bíblia, o dia do Pentecostes ocorria cinquenta dias após a Páscoa (Levítico 23:15; Números 28:16; Deuterónimo 16:9-12). Portanto, os acontecimentos de Atos 2 tiveram lugar sete sema-



nas após a crucificação de Cristo. O Senhor apareceu aos Seus discípulos durante quarenta dias (Atos 1:3; I Coríntios 15:3-7) para falar-lhes do reino de Deus. Assim, no dia da Sua ascensão, Ele juntou os Seus seguidores e instruiu-os para que permanecessem em Jerusalém até que a promessa do Espírito Santo se cumprisse (Atos 1:4; João 14:16-26).

Os apóstolos obedeceram a Jesus. Homens e mulheres aguardaram o cumprimento da promessa. Foram momentos importantes para a Igreja. Foi um tempo de preparação que incluiu adoração,

louvor, oração, humilhação e arrependimento, confissão da sua incredulidade, reconciliação dos membros do grupo, compreensão das palavras do Senhor e um desejo fervoroso de partilhar o Evangelho.

A Bíblia afirma que, enquanto os crentes estavam num mesmo sítio, “de repente veio do céu um som como de um vento (*proés*)⁴ veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados”. Depois, o relato bíblico acrescenta: “E foram vistas, por eles, línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles” (Atos 2:1-3).

A aparição de “línguas de fogo” não significa que o fogo caiu do Céu, significa sim que as “línguas” (*glósais*) pareciam como chamas de fogo, bifurcando-se de tal modo que tocavam cada um dos discípulos.⁵ Assim, a ênfase do relato de Atos mostra que o derramamento do Espírito Santo não foi uma simples experiência subjetiva. Prova-o o uso do verbo *ofthesan* – que significa “apareceram” – no versículo 3. “Este termo foi escolhido deliberadamente para sugerir que o que os seguidores de Jesus testemunharam com os seus olhos tinha uma realidade



correspondente. A experiência não se pode explicar como o produto da sua imaginação.”⁶

De acordo com o uso do aoristo grego (um tempo passado próprio da língua grega), Gerhard F. Hasel sugere que a frase “pousaram sobre cada um deles” implica duas situações: a) que o Espírito Santo foi recebido por cada um dos presentes de maneira individual, e b) que não foi uma experiência momentânea restringida ao dia do Pentecostes. Na verdade, foi uma dotação permanente que durou toda a vida da pessoa que recebeu o dom.⁷

Em Atos 2:4 diz-se que o Espírito Santo “concedeu-lhes” o dom de línguas. Portanto, o dom de línguas não é uma experiência aprendida, mas um dom do Espírito Santo dado aos crentes.

No entanto, agora encontramos-nos com o problema do sentido que Lucas quis dar a *glōssais*. Esta palavra pode-se traduzir como “língua” (o órgão da boca), “idioma” ou “língua estranha”.⁸ Felizmente, nos versículos 6 e 8 Lucas aclara o significado do termo ao usá-lo no sentido de “idiomas”. Nestes versículos, Lucas usa a palavra dialeto, que significa “a linguagem de uma nação ou região”, em vez de glosa. Assim, em Atos 1:19, dialeto significa a linguagem vernácula de um país e tem o mesmo sentido em Atos 2:6-8.

Isto significa que Lucas não está a descrever um milagre auditivo, isto é, como se os discípulos tivessem falado no seu próprio idioma, mas as pessoas tivessem ouvido na sua respetiva língua o que eles

estavam a dizer. A Bíblia diz explicitamente que “cada um os ouvia falar na sua própria língua” (Atos 2:6), o que significa que os discípulos falavam o idioma dos diversos ouvintes. Além disso, se se defende a tese do milagre auditivo, então transfere-se o milagre dos discípulos, que tinham tido uma notável preparação prévia, para a multidão não convertida. Deve-se também notar que o fenómeno de falar em línguas começou antes de haver uma audiência à escuta (Atos 2:4).⁹

Neste ponto do relato, Ellen White faz o seguinte comentário: “Estava ali, representada por eles, cada língua conhecida. Esta diversidade de línguas teria sido um grande impedimento à proclamação do Evangelho; mas Deus, de forma miraculosa, supriu a deficiência dos apóstolos. O Espírito Santo fez por eles o que eles não teriam podido fazer por si mesmos em toda a sua vida. Agora podiam proclamar as verdades do Evangelho em toda a parte, falando com perfeição a língua daqueles por quem trabalhavam. Este miraculoso dom era para o mundo uma forte evidência de que o seu trabalho tinha a marca do Céu. Daí por diante, a linguagem dos discípulos era pura, simples e cuidada, falassem eles no idioma materno ou numa língua estrangeira.”¹⁰

Portanto, existem três aspetos a destacar no que toca a este dom do Espírito Santo: a) Foi dado especificamente para se testemunhar, isto é, para permitir uma ação externa da parte da comunidade de crentes em direção àqueles que não

criam. Não foi dado, pois, para ser um ato introspetivo da comunidade com exclusividade esotérica. b) O seu propósito foi o de trazer uma mensagem de Deus para a raça humana. O dom de línguas não era para servir propósitos devocionais ou para se falar com Deus em oração. c) Tinha um elemento universal (“e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar” [Atos 2:39]). Foi assim que Pedro compreendeu o dom de línguas do Espírito quando aplicou a profecia de Joel 2:28. Os únicos elementos condicionais tinham a ver com a resposta dos indivíduos. Quando receberam o Evangelho, arrependeram-se dos seus pecados e expressaram a sua decisão de serem Cristãos através do batismo. Deste modo, nada havia que os impedisse de receber o dom do Espírito.¹¹ ♦

• **Alejandro Medina**
Teólogo

1. Francis D. Nichol, *Comentario Bíblico Adventista Del Séptimo Día*, Boise, Idaho: Pacific Press, 1988, vol. VI, p. 118.

2. *Ibidem*.

3. Gerhard F. Hasel, *Speaking in Tongues*, Berrien Springs: Adventist Theological Society Publications, 1991, p. 67.

4. Além de significar “vento”, *pnoé* também se traduz por “fôlego”, “fôlego de vida” (*Enhanced Strong's Lexicon*). Para as pessoas de língua grega a palavra *pnoé* e a palavra grega traduzida por “espírito” ou “vento” (*pneuma*) estavam estreitamente relacionadas.

5. Hasel, p. 69.

6. *Ibidem*.

7. *Ibidem*.

8. *Diccionario conciso griego-español del Nuevo Testamento*, Stuttgart: Sociedades Bíblicas Unidas, 1978.

9. Hasel, pp. 71 e 72.

10. Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, P. SerVir, pp. 29 e 30.

11. Jan Paulsen, *When the Spirit Descends*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2001, p. 61.

Um réu perdoado à tangente

Quando eu tinha 20 ou 21 anos, percebi que a Verdade com V maiúsculo tinha de existir. E, com um desejo de tal modo profundo que eu o sentia fisicamente, até mesmo dolorosamente, pensei: Se é humanamente possível conhecer a Verdade, eu quero conhecê-la, não importa onde ela me conduza, o que ela me custe, o que eu tenha de sofrer ou do que eu tenha de abdicar. Três anos mais tarde, através dos Adventistas do Sétimo Dia, eu cheguei a conhecer a Verdade. E que boa-nova se revelou a Verdade: Há um Deus que não apenas nos criou, mas que nos ama tanto que, na pessoa de Jesus, levou sobre Si os pecados do mundo.

E, no entanto, independentemente de quão boa essa notícia é, eu por vezes sinto-me como se ela não fosse suficientemente boa para mim. Após 34 anos a conhecer o Senhor, a conhecer esta mensagem, a conhecer a Verdade, eu olho para mim, para o meu caráter, para a minha vida espiritual e sou esmagado por um senso de falhanço irreparável. Como isto é irónico: Eu queria conhecer a Verdade, custasse o que custasse; encontrei a Verdade, a grande custo; no entanto, essa Verdade que eu queria tão desesperadamente recebe, por vezes, condenar-me.

Não há dúvida, Cristo mudou radicalmente a minha vida.

A pessoa que eu era há 34 anos não reconheceria a pessoa que eu sou hoje. Mas não totalmente. Agarrando-se ferozmente a mim, uma parte do meu velho eu persiste. E mesmo se eu viesse a viver outros 34 anos ou outros 134 anos, é difícil conceber que tudo isto fosse purgado. Se cada grão de pó do pecado, do eu, ou dos defeitos de caráter deve desaparecer nesta vida, de modo a que eu tenha vida na vida eterna, então, por melhores que sejam as notícias, elas não são suficientemente boas para mim.

Eu conheço as citações de Ellen White. Eu conheço os textos bíblicos. A questão é: *O que significam eles?* Se eles significam que, antes de morrer, eu tenho de ter um caráter tão altruísta, tão amoroso e tão generoso como o de Jesus; se eles significam que eu tenho de ter motivos perfeitos em tudo o que faço; se eles significam que nunca devo acalentar um pensamento errado, cobiçoso ou mau; e se eles significam que, antes de eu morrer, cada traço de egoísmo e de pecaminosidade deve ser purgado do meu caráter, então o meu fim está garantido: “O lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte” (Apocalipse 21:8).

Eu compreendo a ideia do deramamento do Espírito Santo na chuva serôdia, que nos pode preparar para o tempo do fim. Mas, porque esperar até essa data?

Seja o que for que o Espírito irá fazer então, quero que Ele o faça em mim *agora*. E embora eu saiba que Cristo está a operar em mim e a transformar-me, ainda me debato, mesmo após 34 anos, com a realidade de que, por vezes, “não faço o bem que quero, mas, o mal que não quero, esse faço” (Romanos 7:19).

É por isso que, sempre que este esmagador senso de falhanço espiritual e moral me domina, tenho que me refugiar na cruz, na promessa de que estou coberto pela justiça de Cristo: “A justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem” (Romanos 3:22). Esta é a Verdade, a única Verdade, que me impediu de já ter desistido há muito tempo. E é a única verdade que me impulsiona hoje a vencer o pecado que se aloja de modo tão natural em mim.

Sem a promessa de que a justiça de Cristo me cobre completamente, sem a promessa de que Ele me justifica pelas Suas obras, pela Sua vida perfeita, as boas-novas não são suficientemente boas para alguém como eu, nem mesmo se me fosse dado viver mais 500 anos.

É muito interessante que Ellen White tenha escrito a John Harvey Kellogg: “Tenho o mais forte desejo de que entre na cidade de Deus, não como um réu perdoado à tangente, mas como um conquistador” (*Testimonies for the Church*, Mountain View: Pacific Press, 1948, vol. VIII, p. 125).

Eu anseio por entrar na cidade de Deus como um conquistador; esse é realmente o meu anseio. Mas, como um “réu perdoado à tangente”? Eu já ficaria contente, pois mesmo isso é mais do que mereço. ♣

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual da Escola Sabatina

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA BATIZA 2309 PESSOAS NO OCEANO ÍNDICO

ANN/RA

Millhares de pessoas juntaram-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia na África Oriental, incluindo 2309 novos crentes que foram batizados conjuntamente no Oceano Índico, depois de uma cruzada evangelística que durou três semanas. Os batismos, realizados no sábado, 7 de fevereiro, foram

o momento culminante das reuniões evangelísticas realizadas em centenas de locais, incluindo cerca de 100 locais em Dar es Salaam, a capital da Tanzânia. Para celebrar o final da campanha, cerca de 40 000 pessoas, provenientes dos 11 países que integram a Divisão da África Oriental-Central, encheram o Estádio Nacional em Dar es Salaam. Ainda não se sabe ao certo quantas pessoas foram

batizadas em toda a Divisão. A campanha evangelística fez um amplo uso da televisão e da rádio. Por exemplo, Geoffrey Mbwana, um vice-presidente da Conferência Geral originário da Tanzânia, conduziu uma importante série de reuniões que foram transmitidas pela televisão nacional. Os membros recém-batizados foram transportados diretamente da praia para o estádio para participarem no

serviço de culto. Ted Wilson, o Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, esteve presente no estádio e dirigiu-se aos 40 000 Adventistas presentes, lançado-lhes o desafio de “conquistarem a África para Cristo”. Jakaya Kikwete, Presidente da Tanzânia, recebeu Ted Wilson e uma delegação de líderes Adventistas na sua residência oficial, onde foi oferecido um jantar de Estado. ✨

A IGREJA ADVENTISTA DÁ-SE A CONHECER NA GRANDE FEIRA DO LIVRO DO CAIRO

AR/RA

Membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia distribuíram dezenas de milhares de exemplares do livro *Aos pés de Cristo*, bem como milhares de outros livros, na maior Feira do Livro do mundo árabe. Procuraram assim corrigir a ideia falsa, difundida entre alguns Egípcios, de que a Igreja não é uma denominação cristã. Kleyton Feitosa, presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Egito e no Sudão, afirmou que a Igreja fez importantes progressos ao assinalar a sua presença com um stand na Feira do Livro do Cairo, a qual atraiu cerca de dois milhões de visitantes. “Os resultados foram fenomenais”, diz Feitosa. “É muito importante ter visibilidade entre os milhares de Egípcios – sejam eles Cristãos coptas ou Muçulmanos – precisamente quando muitos deles ainda se interrogam se somos ou não Cristãos.” Os líderes Adventistas locais estão especialmente interessados

em esclarecer esta situação depois de o governo egípcio ter considerado promulgar legislação no final de 2014 na qual a Igreja Adventista do Sétimo Dia seria considerada um movimento religioso não cristão. Perante o protesto da Igreja, o governo egípcio reagiu favoravelmente, suspendendo a promulgação da lei e prometendo incluir representantes da Igreja Adventista do Sétimo Dia numa futura reunião destinada a discutir o projeto de lei. Na Feira do Livro do Cairo o stand Adventista fez furor, pois era o único stand que oferecia livros. Foram oferecidos 25 000 exemplares do livro *As Chaves da Felicidade*, que é a versão em árabe do livro *Aos Pés de Cristo* de Ellen G. White. Foram impressos para a ocasião um total de 55 000 livros, graças à contribuição de um doador privado radicado nos Estados Unidos da América. O stand também distribuiu 15 000 folhetos intitulados *Conheça os seus amigos Adventistas*. Os livros mais vendidos foram obras sobre vida



saudável e o livro doutrinal intitulado *Os Adventistas do Sétimo Dia Creem*. Os visitantes eram não apenas Muçulmanos, mas também Cristãos e Ateus. Os responsáveis pelo stand tiveram a oportunidade de falar com alunos da Universidade Al-Azhar, o principal centro de estudo islâmico do Egito, e venderam livros a alunos de seminários de várias denominações cristãs. “Tivemos a oportunidade de discutir as nossas doutrinas e de partilhar a nossa fé com milhares de pessoas”, disse

Ranya Maher, gerente do stand. Muitos jovens vieram ao stand em busca de mais informação sobre Jesus. “Fizem-me perguntas sobre Ele e queriam comprar livros que falassem sobre Jesus”, disse Amgad Nageh, um dos operadores do stand. “Eu pude ver um profundo desejo nos seus olhos, um anseio por saber mais sobre Jesus.” Amgad Nageh e Ranya Maher fizeram muitos novos amigos na Feira e estão a orar por eles, para que venham a conhecer melhor Jesus e a Sua Igreja. ✨



RUA RECEBE O NOME DE ELLEN G. WHITE NA REPÚBLICA DOMINICANA

Ad7/RA

A cidade de La Romana, no Sudeste da República Dominicana, anunciou recentemente que vai rebatizar uma das suas ruas com o nome de Ellen G. White, uma das fundadoras da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O anúncio foi feito durante uma cerimônia especial realizada no edifício municipal de La Romana. Estiveram presentes a Presidente da Câmara Municipal, Maritza Suero, autoridades da cidade e o Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ted N. C. Wilson. Wilson agradeceu às autoridades municipais o seu empenho em promover a liberdade religiosa e os seus esforços para comemorar a obra de Ellen G.

White, ao atribuírem o seu nome a uma rua da cidade. “Isto faz-nos lembrar a nossa história e o modo como Deus tem conduzido a Igreja Adventista do Sétimo Dia”, referiu Wilson, agradecendo à autarca em nome dos líderes da denominação. Wilson e os demais líderes da Igreja encontravam-se na região a fim de assistirem às reuniões de planificação do Conselho Consultivo e Executivo do Presidente, que se realizam no início de cada ano. Anteriormente conhecida por Rua 7ª, a Rua Elena G. White está situada em Villa Alacrán e liga duas comunidades vizinhas. A proposta de lhe atribuir um novo nome partiu do vereador Wanchy Medina, que cresceu na Igreja Adventista do Sétimo Dia. A rua fica a um quarteirão da



congregação Adventista de La Fé, que é composta por sessenta membros. Cesario Acevedo, Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia na República Dominicana,

entregou uma placa topográfica a Maritza Suero, em nome da Igreja, e ofereceu um conjunto de livros de Ellen G. White à autarca e a toda a sua equipa. ✍

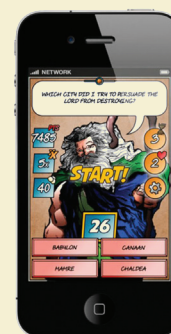
ESPECIALISTAS EM TECNOLOGIA DA IASD PROMOVEM JOGOS PARA A EDUCAÇÃO E O MINISTÉRIO

Ad7/RA

Os maiores especialistas em tecnologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia estão a promover o conceito de criação de jogos para a educação e a evangelização. Esta ideia surgiu no último dia da Conferência da Rede Global Adventista de Internet (GAiN, na sigla em inglês). Este ano, a conferência GAiN realizou-se online e contou com a participação de pessoas de mais de 100 países, perfazendo um total de aproximadamente 3800 visitantes em quatro idiomas: inglês, francês, português e espanhol. D. P. Harris, vice-presidente de sistemas de

informação da Universidade de Loma Linda, iniciou a sua apresentação promovendo a criação de jogos no seio da Igreja Adventista para a educação e o ministério. “O nosso desafio enquanto educadores é criar uma experiência de aprendizagem que seja interessante, desafiante e viável”, disse Harris. “Os jogos estão agora na vanguarda para alcançar pessoas de todo o mundo.” A Universidade de Loma Linda organizou recentemente uma sessão de *gamestorming*, na qual os administradores convidaram os estudantes a criarem jogos que promovam uma vida saudável. Segundo Harris, a Universidade está igualmente a desenvolver jogos para

a formação contínua dos estudantes de Medicina e dos médicos do hospital universitário. No entanto, advertiu que os jogos com propósitos educativos devem conter fortes elementos de diversão ou correm o risco de ser ignorados. Daryl Gungadoo, que está envolvido na produção de um jogo – *Heroes* (Heróis) – patrocinado pelos Adventistas, referiu que a Rádio Mundial Adventista (AWR, na sigla em inglês) está atualmente a criar um jogo que ensina as operações e a engenharia da AWR. Os jogadores tentam enviar programas da mega estação da rede em Guam para países de toda a Ásia, ao fazerem refratar os sinais de rádio na ionosfera



da Terra. Caldwell resumiu a ideia principal da apresentação de Gungadoo com uma afirmação que também pode resumir o objetivo de toda a conferência: “A conferência GAiN é o momento apropriado para, tanto quanto possível, lançar ideias e ver quais as que conseguem singrar”, disse ele. ✍

ENCONTRO REGIONAL DE ANCIÃOS E DIÁCONOS

Ad7/RA

A Igreja Adventista de Albufeira, no Algarve, foi o local escolhido para receber, no sábado 21 de fevereiro, todos os anciãos da Região Eclesiástica Sul. Sob a coordenação do Diretor da Associação Ministerial, este encontro serviu, sobretudo, para a partilha de ideias no que concerne ao ancianato. Estiveram presentes mais de 30 anciãos, todos eles com vontade de

aprender e de recolher ideias que permitam um melhor desempenho deste cargo. Alessandro Brachmann, pastor diretor da Região Eclesiástica Sul, mostrou a sua satisfação pela participação e pelo interesse demonstrados por todos os oficiais de igreja, interesse que “superou as expectativas, pelo menos no que toca à região do Algarve, com representação de todas as igrejas e com um bom número de pessoas”. A entrega e a disponibilidade para o serviço foram

alguns dos principais destaques apresentados pelo Pastor Enoque Nunes, que mostrou, efetivamente, que “a maior preocupação é sensibilizar os diáconos e os anciãos para um trabalho em relação ao próximo. Os serviços de diácono e de ancião são valorizados quando pensamos no outro, quando atuamos em favor do outro”. Tendo sido este encontro um momento para promover o crescimento do trabalho nas igrejas, o grande desafio deixado nesta formação foi

que todos os participantes valorizem o próximo e aqueles que visitam a igreja, pois só desta forma é que o trabalho dos diáconos e dos anciãos fará sentido. 



IV ENCONTRO DE PESSOAL NÃO DOCENTE DA REASD

Ad7/RA

A Clínica de Saúde da Associação Portuguesa de Medicina Preventiva (APMP), em Penela, abriu as

suas portas, no fim de semana de 13 a 15 de fevereiro, para receber todos os participantes do Encontro Nacional de Pessoal Não Docente da Rede Escolar Adventista. Cerca de 40 participantes, todos eles funcionários da Rede Escolar Adventista em Portugal, estiveram presentes neste encontro nacional, que se realiza duas a três vezes no quinquénio, sendo que este ano a formação vincou bem os princípios e os hábitos corretos de saúde. Ávidos por aprender mais sobre esta temática, cada participante escutou os con-

selhos dos profissionais de saúde da Clínica da APMP. Para Tiago Alves, Diretor do Departamento de Educação, este encontro correu extremamente bem, sobretudo pelo alimento espiritual em ano de ênfase sobre a saúde. Responsável pelo Departamento há sete anos, Tiago Alves considera que a associação entre a educação e a saúde pode ser perfeita porque “o que seria da educação sem a saúde e o que seria da saúde sem a educação? É algo que está numa íntima parceria, num perfeito alinhamento; queremos profissionais

que estejam alinhados não só com a filosofia da educação Adventista, mas também com aquela que é a vontade de Deus”. Nesta formação, para além dos plenários, os participantes puderam usufruir de materiais que davam a conhecer os vários métodos para lidar corretamente com os docentes dos vários institutos de ensino em Portugal. E mesmo se esta formação só acontece duas ou três vezes no quinquénio, não deixa de ser extremamente importante, sobretudo, quando falamos de “educar para a eternidade”. 



SEMANA DA FAMÍLIA NO CENTRO

Ad7/RA

A Região Eclesiástica do Centro e o Departamento da Família da Igreja e TVA de Coimbra apresentaram uma programação especial e partilharam-na pela Internet com as igrejas e lares da região. Utilizando as novas tecnologias de comunicação, as Igrejas da

Região Eclesiástica do Centro reuniram-se, durante a semana de 07 a 14 de fevereiro, para participarem numa semana dedicada à família. Sendo a programação emitida a partir de Coimbra e animada pelo médico e terapeuta familiar Daniel Esteves, as igrejas do centro puderam receber o alimento necessário em três áreas fundamentais

para o sucesso do lar: Deus, família e felicidade. Segundo José Lagoa, pastor da igreja de Coimbra e Diretor da Região Eclesiástica do Centro, a escolha do orador foi uma aposta em “alguém com uma larga experiência. Já foi departamental da família, fez um mestrado na área da família e, portanto, pensámos que seria uma pessoa interessante que po-





deria partilhar assuntos importantes com as famílias da região centro.” Já Daniel Esteves, empenhado em apresentar e proporcionar a todos a oportunidade de um bom momento em família e com Deus, ficou muito satisfeito pois “pudemos aperceber-nos do carinho e entusiasmo que os temas despertaram nas pessoas”. O número de famílias presentes em Coimbra e nas diversas igrejas da região mostrou a necessidade que existe de se falar mais de Deus, da família e da felicidade. Afinal, o lar foi criado por Deus, sendo fundamental que cada elemento que pertence ao agregado familiar desenvolva uma forte relação com Deus e participe, assim, na promoção da felicidade no seu lar. 🌿

BATISMO NA IGREJA DE COIMBRA

Carlos Santos – IASD Coimbra

Uma cerimónia batismal é sempre um ato muito solene, a começar pela decisão voluntária do principal interveniente, mas que envolve também a participação da Igreja local. No caso presente, o Templo de Coimbra esteve muito bem preenchido, tendo os presentes querido expressar o seu carinho e a sua simpatia pelo jovem José Pedro Teles Lagoa. Tem havido poucos momentos tão sentidos como este, em que tivemos a feliz oportunidade de ver a alegria, a emoção e a felicidade de um jovem que já há muito tempo esperava pelo seu desejado batismo. O pas-

tor José Lagoa, que presidiu à cerimónia, partilhou uma mensagem bíblica sobre o batismo cristão. Eram 17 horas e 27 minutos da tarde de sábado, dia 3 de janeiro de 2015, quando o jovem José Pedro foi mergulhado e erguido das águas batismais, apoiado e abraçado pelo próprio pai, o pastor José Lagoa. Vimos e registámos o abraço apertado e demorado entre ambos. O José Pedro é um jovem simples, humilde e amado pela família e pelos irmãos da igreja. Disse ele, em determinado momento, naquele santo lugar: “Adoro que remem por mim!” Por outras palavras: “Orem ao Senhor por mim; que se lembrem de mim; que estejam também ao meu



lado!” Concluída esta cerimónia, tão cheia de significado para a vida do José Pedro, toda a igreja se juntou para o felicitar com abraços e beijos, como forma de lhe dizer: “Vamos remar por ti e contigo, José Pedro.” Para ele, e para a sua família, desejamos que a bênção de Jesus se manifeste cada dia com a Sua paz até ao dia da vinda do Senhor. Todos queremos estar lá contigo, José Pedro. *Maranata!*

DESCANSOU NO SENHOR

IASD Pedroso – Tiago Lopes

A irmã **Glória Ferreira**, membro da Igreja Adventista de Pedroso, faleceu no passado dia 25 de janeiro, após uma prolongada luta contra a doença. Batizada em 1964, aos 15 anos, pelo Pr. Eliseu Miranda, foi casada durante quase 40 anos com o irmão Fernando Ferreira, antigo colportor e promotor bíblico da UPASD, atualmente aposentado. Além do marido, a irmã Glória deixa três filhos e cinco netos. De perfil discreto, foi sempre uma presença alegre e de bom convívio entre nós. Foi durante muitos anos membro da igreja de Canelas e fez parte do grupo de pioneiros fundadores da igreja de Pedroso, em 2001, tendo desde 2007 acompanhado o marido no ministério em várias igrejas da região norte. A cerimónia fúnebre, realizada na igreja Adventista de Canelas, foi oficiada pelo Pr. Daniel Gouveia e contou com a presença do Presidente e do Secretário Executivo da UPASD, bem como de re-

presentantes de outras instituições da Igreja Adventista em Portugal. É nossa firme esperança revê-la em breve, no dia feliz da ressurreição. 🌿

IASD Sangalhos – Augusto Mendes



A igreja de Sangalhos ficou mais pobre com o falecimento de dois dos seus membros. A irmã **Fernanda Maria Nunes Sarmiento**, nascida a 10 de fevereiro de 1921 e falecida a 1 de dezembro de 2014, havia sido batizada a 12 de julho de 2008. Foi sempre um membro ativo e fiel, colaborando de boa mente com todos os seus irmãos na difusão do Evangelho. O irmão **Aires Augusto Estima Castanheira**, nascido a 20 de janeiro de 1931 e falecido a 19 de dezembro de 2014, sempre se mostrou empenhado nas coisas de Deus, dando o seu humilde contributo para o desenvolvimento da sua



igreja. Assim, temos a esperança de os encontrar em breve na Segunda Vinda de Cristo. 🌿

LAPI Sul – Pr. Samuel Aires



No passado dia 17 de fevereiro adormeceu em Cristo a nossa querida irmã **Domitília Jesus Fernandes**. Sendo utente do LAPI Sul já há onze anos, esta nossa irmã tinha alguns problemas de saúde. No entanto, nada fazia prever uma partida tão repentina aos 76 anos. Sabemos que ela tinha um grande amor por Jesus e que a sua fé estava bem firme nas promessas de Deus, nomeadamente na promessa da ressurreição. Fundados nesta esperança, aguardamos o reencontro com a nossa irmã Domitília. Em nome da direção, dos colaboradores e dos utentes do LAPI desejamos à família enlutada – nomeadamente às filhas e aos filhos – a força e a coragem necessárias para ultrapassar a sua perda. No LAPI, estaremos a orar por vós. 🌿



Um encontro caminhos, a

Num dos obeliscos de Karnak mandados construir por Hatchepsut lê-se: “Agora, o meu coração palpita intensamente quando penso no que as pessoas dirão. Essas pessoas que verão os meus monumentos nos anos vindouros e falarão sobre aquilo que fiz.” Entretanto, na igreja de S. Pedro in Vincoli, podemos maravilhar-nos com uma das obras-primas da escultura de Miguel Ângelo: a estátua de Moisés. Este majestoso Moisés, idealizado para ser visto de baixo, tem a força temível a que os contemporâneos do artista chamavam *terribilità*. A sua atitude, ao mesmo tempo vigilante e meditativa, sugere um homem capaz de uma chefia avisada, tanto como de uma ira devastadora. A visão de tal obra-prima suscita-nos uma impressão bastante singular, dada pela ambígua expressão do patriarca bíblico que, com olhar penetrante e irritado, admoesta os Hebreus idólatras.

Duas personalidades, dois caminhos que a História cruzou num

período que está afastado de nós cerca de 3500 anos. Estes dois caminhos estão muito bem documentados na Bíblia e confirmados pela história universal. É muito importante comparar as duas cronologias e chegarmos à conclusão de que, mais uma vez, a Bíblia fala verdade e continua a ter a sua própria credibilidade, pois é a Palavra de Deus, a Palavra d'Aquele que conduz os destinos da história da Humanidade criada por Ele próprio. O caminho de Hatchepsut é de uma princesa egípcia, com o mundo aos seus pés, mas que da felicidade pouco ou nada sabia. A filha do Faraó! O caminho de Moisés começa de forma preocupante. Nasce sem nome numa família de escravos, sofredora. É escondido dentro de portas ou, possivelmente, em local inóspito, durante três meses. Está condenado a morrer afogado, nas águas infestadas de crocodilos do rio Nilo, só porque nasceu rapaz!

Os dois personagens vão-se encontrar pela primeira vez no rio Nilo, do qual Heródoto disse: “O

Egito é um dom do Nilo.” Moisés, nome dado pela princesa, a filha do Faraó, quer dizer “tirado das águas” ou “retirado do Nilo”. Os rios geralmente eram locais tão sagrados como os templos e as montanhas. Assim, deixar uma criança ali, na esperança de que os deuses cuidassem dela, não parece ser algo difícil de acontecer. No caso da mãe de Moisés, está claro que o seu intuito era fazer com que a filha de Faraó encontrasse o cesto e salvasse o menino. Hoje sabemos de muitas mães que abandonam os seus filhos na porta das igrejas e dos conventos, pois o ambiente religioso oferece segurança para o seu estranho ato. Naquela época, eram os rios sagrados que desempenhavam esse papel. Este encontro foi marcado pela compaixão da princesa, que identificou de imediato a criança: “Este é um dos filhos dos hebreus” (Êxodo 2:6).

O príncipe Moisés

Quando Moisés nasceu (sem nome ainda), Hatchepsut era me-



Contro, dois tuas decisões!

ramente a filha de Tutmósis, general das tropas egípcias, que era casado com Ahmés-Nebeta, a filha de Ahmés e de Ahmés-Nefertari. O avô de Hatchepsut foi o fundador da XVIII Dinastia Egípcia e o iniciador do Império Novo. O nascimento de Moisés ocorreu muito antes do casamento entre Hatchepsut e o seu meio irmão Tutmósis II, que era filho de Tutmósis I, mas de um outro casamento que não o casamento real. A educação de Moisés foi dada pela sua própria mãe, a mulher hebreia a quem a princesa pagava um salário para o criar. Até que idade? Não há consenso entre os especialistas, mas por inspiração divina, Ellen G. White, no seu livro *Patriarcas e Profetas*, p. 249, diz: “Ela conservou consigo o rapaz tanto quanto pôde; foi, porém, obrigada a entregá-lo quando ele teve aproximadamente doze anos. Foi levado de sua humilde choupana ao palácio real, para a filha de Faraó, e se tornou seu filho.” Lemos na Bíblia que a princesa o adotou e então lhe chamou Moisés,

dizendo: “Porque das águas o tirei” (Êxodo 2:10). Entretanto, a Bíblia continua a dizer o seguinte acerca de Moisés: “Quando tiveram que o abandonar, foi a filha de Faraó que o adotou e criou como seu próprio filho” (Atos 7:21). E mais: Moisés “foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios” (Atos 7:22). No verso 23 diz-se: “Quando completou quarenta anos ... visitou os seus irmãos.” No verso 29: “Moisés mata um egípcio e foge ... tornando-se peregrino em Madian.” No verso 30: “e passaram mais quarenta anos e apareceu-lhe o anjo do Senhor.” E no verso 36 diz-se que Moisés vai andar com o povo no deserto mais 40 anos.

Já temos alguns dados cronológicos e precisamos de lhes dar um início e um fim. Sabemos que a cronologia bíblica é problemática, porque há registos incompletos. Nem sempre podemos estar seguros na nossa contagem do tempo. Há uma grande distância de tempo na formação e redação das Sagradas Escrituras, isto é, mais

de 1500 anos. Assim, não se pode preparar um esquema cronológico completo e exato da Bíblia, mas é possível reconstruir um esquema cronológico provável (veja-se o *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, vol. II, p. 127). É também possível comparar e confirmar a cronologia bíblica com a cronologia da história secular. Assim, vamos tentar dar início à vida de Moisés nesta Terra. Se formos à Bíblia, ela diz-nos em I Reis 6:1 e 2: “No ano de 480 depois dos filhos de Israel saírem do Egito ... no quarto ano do princípio do reinado de Salomão sobre Israel ... começou a edificar o Templo do Senhor.” Vamos usar a cronologia da obra clássica de Edwin R. Thiele, *Os Números Misteriosos dos Reis Hebreus*, pois este trabalho é abrangente na contagem do tempo de reinado dos reis, na reconstituição dos calendários e na indicação de corregências com base em fontes bíblicas e extrabíblicas.

Sabemos biblicamente que Salomão reinou em Jerusalém 40



anos (II Crônicas 9:30) e, segundo Edwin Thiele, o fim do reinado de Salomão dá-se em 931 a.C., quando morre. Se Salomão reinou 40 anos e se começou a construção da Casa de Deus no seu quarto ano de reinado sobre Israel, então o início do seu reinado terá a data de 971 a.C. (931 a.C. + 40 anos = 971 a.C.) e o quarto ano do reinado terá sido 967 a.C. (971 a.C. – 4 anos = 967 a.C.). Se somarmos a 967 a.C. os 480 anos que decorreram após a saída do povo de Israel do Egito, chegamos a 1447 a.C. (967 a.C. + 480 anos = 1447 a.C.). Estamos assim perante a data do Êxodo de Israel. Moisés, segundo os Atos dos Apóstolos, teria 80 anos nessa data. Logo, se somarmos aos 1447 anos os 80 anos de Moisés, obtemos a data possível do seu nascimento, que seria por volta de 1527 a.C. (1447 a.C. + 80 anos = 1527 a.C.). Neste cálculo não estamos a considerar a questão sobre a época do ano em que começou o quarto ano do reinado de Salomão. Assim, podemos aceitar que a data do Êxodo se situa entre 1447/1446 a.C. e o nascimento de Moisés situa-se entre 1527/1526 a.C..

Então, Moisés terá nascido entre 1527/1526 a.C., esteve escondido em casa do seu pai três meses, a mãe vai educá-lo até quase aos 12 anos – entre 1515/1514 a.C. – acabando por ir para a corte do Faraó com essa idade. Passados 28 anos, tendo Moisés 40 anos, mata um Egípcio e deixa a corte entre 1487/1486 a.C.. Assim, de acordo com esta cronologia, temos três momentos importantes na vida de Moisés: primeiro, o do seu nascimento entre 1527/1526 a.C.; segundo, o momento em que Moisés deixa a corte do Faraó, entre 1487/1486 a.C. e, por último, o mais espetacular, quando Moisés, com o poder de Deus, liberta

o povo da escravidão egípcia entre 1447/1446 a.C..

Temos de ter em conta o facto relevante que se prende com a derrota do Faraó do Êxodo. Aquando da passagem pelo Mar Vermelho, o exército egípcio é destruído e, por isso, não vamos encontrar nunca nenhum documento arqueológico mandado fazer pelos Faraós, da altura ou posteriores. Sabemos pela história egípcia que as estelas que existem apresentam sempre relatórios positivos, nunca negativos. Por exemplo, no caso da batalha de Kadesh, que foi humilhante para o exército de Ramsés II, os dados foram distorcidos. Assim, nunca iremos encontrar uma estela comemorando a humilhação que o Faraó sofreu como resultado das pragas ou da derrota humilhante da passagem do Mar Vermelho. Só a Bíblia conservou a memória histórica desses eventos. Não podemos esperar que algum cronista ou governante egípcio faça referência ao Êxodo israelita.

A glorificação de Moisés

Mas voltemos novamente ao nosso personagem, Moisés. A Bíblia diz-nos que Moisés morreu (Deuteronómio 34:5-7) com 120 anos e não se lhe escurecia a vista, nem lhe fugira o vigor. A Bíblia também nos diz que o Senhor o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor e que ninguém soube até hoje o lugar da sua sepultura. O Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, vol. I, p. 1090, diz: “Somente Jeová viu o lugar exato onde a morte tomou posse de Moisés. Satanás ficou muito agrado, porque reteve Moisés nos laços da morte e tentou resistir a Cristo.” Judas 9 diz-nos: “Mas quando o arcanjo Miguel, discutindo com o Diabo, disputava a respeito do corpo de Moisés, não

ousou pronunciar contra ele juízo de maldição, mas disse: O Senhor te repreenda.” Mas Moisés foi ressuscitado e levado para o céu. Cerca de 1400 anos depois, no Monte da Transfiguração, Moisés, juntamente com Elias, desce à Terra e fala com Jesus.

Em termos arqueológicos, estes acontecimentos nunca poderão ser comprovados. Somente pela fé podemos aceitar o que a Palavra de Deus diz. Muitas coisas de que nos fala a Bíblia não poderão nunca ser comprovadas pela Arqueologia. Coisas tais como a origem do pecado, o episódio do Monte da Transfiguração, a própria divindade de Jesus, a ressurreição dos mortos, etc.. Assim, a Arqueologia nunca é superior à revelação divina. O professor Rodrigo Silva escreveu: “A maior confirmação deve vir de Deus, que é o verdadeiro autor das Escrituras, e não de qualquer estudo humano.” A Bíblia é clara. Moisés morreu conservando todas as suas faculdades com um vigor fora do vulgar. O *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, vol. I, p. 1090, diz: “As suas forças eram tão viçosas e vigorosas no momento da sua morte como sempre tinham sido.” Moisés viveu, sem dúvida, uma vida ampla. No entanto, esteve só na hora da sua morte, mas adormeceu nos braços de Deus. Assim acabou a vida de um dos maiores homens que passaram por esta Terra e que está imortalizado na estátua de Miguel Ângelo, em Roma. De Moisés não existe uma múmia carcomida envolta em panos no Museu do Cairo ou em qualquer outro museu do Mundo.

O fim de Hachepsut

Mas, entretanto, a outra personagem que se cruzou aqui nesta Terra com Moisés, aquela que foi considerada um Faraó, uma gran-



de esposa real do Antigo Egito, Hatchepsut, não teve um fim muito feliz. Em primeiro lugar, não temos a certeza do ano da sua morte. Alguns egiptólogos e arqueólogos apontam a data da sua morte como tendo sido 16 de janeiro de 1458 a.C.. Por sua vez, outros apontam para o ano de 1482 a.C.. Não devemos pôr de parte as indicações de dois grandes entendidos nas coisas do Egito, John Baines e Jaromír Málek, que dizem: “as datas cronológicas são calculadas a partir de listas antigas, especialmente as do papiro de Turim, e de várias outras fontes, inclusive de alguns testemunhos de caráter astronômico. A margem de erro aumenta, indo de cerca de uma década para o Império Novo.” Mas voltemos à rainha que se tornou Faraó, Hatchepsut. Esta mulher morreu e foi sepultada no Vale dos Reis, em Luxor. Entretanto, sabemos que o seu sarcófago foi vandalizado por “salteadores de tesouros”, como ocorreu com outras tantas múmias no Egito. Em 1903, Howard Carter descobriu o KV 60 e, na sua câmara funerária, ele encontrou duas múmias. Uma delas pertencia a uma mulher pequena colocada dentro de um caixão com uma inscrição que dizia “ama de leite de Hatchepsut, chamada Sitre-In” e a outra múmia pertencia a uma mulher obesa e estava colocada no chão ao lado de Sitre-In. Ali ficou. Sabemos que Carter levou alguns gansos mumificados e fechou o túmulo. Três anos depois, um outro arqueólogo transferiu a múmia do caixão para o Museu Egípcio.

Chip Brown, no seu trabalho “A Múmia da Rainha”, publicado na

revista *National Geographic* portuguesa, de abril de 2009, diz: “A múmia do chão permaneceu no mesmo sítio, tal como se encontrava desde que ali fora guardada, provavelmente por sacerdotes no decorrer dos reenterramentos da XXI Dinastia, por volta de 1000 a.C..” Ao que o ser humano chega! Nós, no Ocidente, normalmente sabemos onde estão sepultados os nossos entes queridos e temos todo o respeito pelo local onde estão os seus restos mortais, mas esta mulher ali estava, sozinha e perdida no tempo, como que desaparecida. Em junho de 1989, Donald Ryan descobriu o túmulo “perdido”. A múmia jazia num túmulo vandalizado há muito tempo. O seu braço esquerdo estava dobrado sobre o peito, numa pose de enterro com que teria ficado quando foi mumificado. Por sinal estava muito bem mumificada e exibia uma pose real. Na altura, Donald Ryan não achou bem deixá-la sem caixão, no chão, no meio de uma confusão de tecidos e de coisas avulsas. Arrumou a câmara de enterramento, mandou fazer um caixão simples numa carpintaria local, deitou a senhora desconhecida no seu novo leito e fechou a tampa. Entretanto seria bom referir o que Chip Brown diz no seu artigo, quando afirma que, na década de 1960, quando os arqueólogos descobriram provas de que Hatchepsut só começara a ser banida pelo menos 20 anos depois da sua morte, a interpretação de que fora o enteado que infligira a sua vingança contra a madrastra caiu por terra. Esta teoria é suficientemente forte para

argumentar a favor da data da sua morte, que seria em 1482 a.C. e não em 1458 a.C., na medida em que Tutmóis III morreu em 1450 a.C.. Chip Brown afirma que se afigurou como mais lógica a possibilidade de Tutmóis III precisar de reforçar a legitimidade da sucessão do seu filho, Amen-hotep II, face a pretensões rivais de outros membros da família. Moisés, como filho adotivo de Hatchepsut, já não era um potencial rival, porque cinco anos antes da morte de Hatchepsut, em 1482 a.C., ele matara um Egípcio e fugira para Midiã, na atual Arábia Saudita. Portanto não poderia fazer frente a outros pretendentes. Uma coisa é certa, Hatchepsut, antes da sua morte, foi ousada no comando dos destinos do Egito. Se ela queria que Moisés fosse seu sucessor, como era natural, ele não aceitou semelhante cargo e, como diz Richard Litke no seu artigo intitulado “O vitupério de Cristo *versus* os tesouros do Egito”, na *Revista Adventista* de outubro de 2014, p. 12: “Era como se ela estivesse a responder a Moisés: “Muito bem, se tu (Moisés) não queres cooperar e tornares-te Faraó, serei eu mesma a fazê-lo!” Faz todo o sentido.

Mas voltemos à múmia, que agora foi colocada num caixão de madeira. Entre finais de 2006 e o início de 2007, esta múmia foi investigada com o apoio de um aparelho de TAC, o qual permitiu aos arqueólogos examiná-la em pormenor e calcular a sua idade e a causa de morte. Foi possível identificar esta múmia graças a um dente, um molar, que estava dentro de uma caixa de madeira com

o nome de Hatchepsut inscrito. Parece que, durante a mumificação da rainha-Faraó, os embalsamadores colocaram na caixa este molar que se soltou do maxilar. Na tomografia feita à múmia verificou-se que a raiz tinha ficado no respetivo maxilar e que o resto do molar encaixava perfeitamente, o que constitui uma prova científica de que a múmia da senhora obesa é a múmia da rainha-Faraó Hatchepsut.

Tudo leva a crer que ela teve uma morte bastante dolorosa. A tomografia revelou que tinha os dentes em más condições, com muitas cáries e inflamações nas raízes. Além disso, devia sofrer de alguma doença de pele repugnante na face e no pescoço, debilitando ainda mais a sua saúde. Provavelmente tinha diabetes e tudo indica que morreu de cancro nos ossos, o qual se espalhou por todo o seu corpo. A sua boca está semiaberta, o que sugere que ela sofreu algum tipo de trauma no momento da sua morte. A tomografia diz-nos também que esta senhora teria por volta dos 50 anos quando morreu. Ao consultarmos o artigo sobre Hatchepsut da Wikipédia, este diz-nos que a rainha viveu 37 anos como princesa e reinou 22 anos, ou seja, a sua vida foi de cerca de 60 anos. Teria nascido por volta do ano de 1541 a.C., isto é, mais ou menos 14 anos antes de Moisés vir ao mundo. Tutmósis I vai reinar a partir de 1525 a.C.. É muito natural que ela desse Moisés para ser educado por outra pessoa, na medida em que seu pai ainda não era o Faraó. Assim, quando Moisés completou 12 anos, Hatchepsut adotou-o como filho, logo fazendo dele neto de Tutmósis I.

Que fins tão diferentes tiveram Moisés e Hatchepsut! Um está vivo no Céu e a outra encontra-se na situação que acabámos de descrever.

Chip Brown, ao relatar o que aconteceu quando o fotógrafo Keneth Garret pediu à Diretora do Museu Egípcio para fotografar a múmia de Hatchepsut, refere que foi retirado o vidro que protegia a múmia e a Diretora disse: "Isto é a história do mundo!" Entretanto Keneth terá dito: "Quanto mais olhava para Hatchepsut, mais emoção sentia por causa daqueles olhos insondáveis e da firmeza sufocante daquela carne sem vida. A maior parte das pessoas vive pelo credo da gente comum, que é a antítese da fé dos Faraós: porque tu és pó e em pó te hás de tornar. Apercebi-me de que Hatchepsut se encontrava, afinal, bem mais viva nos seus textos, nos quais ainda conseguimos sentir o estremecer do seu coração, mesmo passados tantos milhares de anos." Hatchepsut não passou pelo processo normal da sepultura, pois foi mumificada. Mas, com o tempo, tornar-se-á pó, porque do pó veio. É tudo uma questão de tempo. Moisés, esse talvez nem tenha passado pelo processo da decomposição natural dos corpos sem vida. Foi recolhido por Deus e neste momento está bem junto d'Ele.

Conclusão

Um encontro, dois caminhos, duas decisões. Prezado Leitor, a vida é feita de decisões. Uma fáceis e outras difíceis. Algumas pensadas e outras não. Uma más e outras boas. Uma coisa é certa, somos responsáveis pelas nossas escolhas. Moisés podia ter-se tornado Faraó da maior nação dos seus dias e tinha todas as possibilidades a seu favor. Seria hoje uma múmia no Museu Britânico ou no Museu do Cairo. Seria, talvez, representado por uma estátua em granito. Mas não foi esse o seu destino. Hoje ele vive no Céu, além do alcance da morte. Que opção sábia! Ele foi pruden-

te. Faço votos para que todos sejamos prudentes como Moisés, a fim de fazermos opções sábias. No entanto, só com a ajuda de Deus e do Seu Santo Espírito podemos vencer este obstáculo que é a nossa natureza humana. Podemos reduzir muito a nossa margem de erro se recusarmos deixar-nos ofuscar pelas coisas artificiais e superficiais da vida. Podemos todos fazer a feliz escolha, pela qual Moisés foi colocado sobre o mar de vidro e não dentro de uma caixa de vidro, como uma múmia, longe dos braços de Deus. ✦

• **Víctor Alves**
Professor

- Baines, John; Málek, Jaromír, *Egito – Deuses, Templos e Faraós*, Círculo de Leitores, 1991.
- Berti, Luciano, *Miguel Ângelo, todas as obras*, edição da BET, 1994.
- Boase, Wendy, *O Egito Antigo, Ver e Saber*, Editorial Verbo, 1982.
- Brown, Chip, "A Múmia da Rainha", *National Geographic*, Portugal, abril, 2009.
- Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*, Tomo I, edição da Publicadora Interamericana, EUA, 1960.
- Conti, Flávio, *Os Antigos Egípcios*, Círculo de Leitores, 1982.
- Gorg, Manfred, Peter van der Veen, Christoffer Theis, "A Estela de Merneptah conta a primeira menção de Israel?", *Biblical Archaeology Society*, 2012.
- Hawass, Zahi, "Identifica a Múmia de Hatchepsut", *Internet*, julho, 2007.
- Hen, Larry G., *Arqueologia e Bíblia – O Egito*, Instituto Bíblico à Distância, 2009.
- História Ilustrada do Mundo Antigo*, Seções do Reader's Digest, 1962.
- História dos Tempos Bíblicos, Novas Perspetivas Sobre Povos, Lugares e Acontecimentos do Mundo Bíblico*, Seções do Reader's Digest, 1994.
- Hoffmeier, James K., *Fora do Egito*, Sociedade de Arqueologia Bíblica, 2012.
- Janson, H. W., *História da Arte*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1977.
- Lewis, Jone Johnson, "Evidências de DNA de Hatchepsut", julho, 2007.
- Litke, Richard, "O Vitupério de Cristo versus os Tesouros do Egito", *Revista Adventista*, outubro, 2014.
- Petit, Paul, *História Universal – O Mundo Antigo*, Círculo de Leitores, 1977.
- Rachewiltz, Boris de, *A Vida no Antigo Egito*, Círculo de Leitores, 1958.
- Shanks, Hershel, "When Did Ancient Israel Begin?", *Biblical Archaeology Society*, 2012.
- Silva, Rodrigo P., *Escavando a Verdade – A Arqueologia e as Incríveis Histórias da Bíblia*, Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- Thiele, Edwin R., *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, Wikipédia, 2014.
- Valigi, Cinzia, *Roma e Vaticano*, Plurigraf, 1996.
- Vida e Sociedade – Nas Margens do Nilo – Egito, 3050-30 a.C.*, Verbo, 2001.

ANDROCLES E O LEÃO

Um escravo chamado Androcles escapou do seu senhor e fugiu para a floresta. Enquanto aí andava às voltas, deparou-se com um leão deitado que gemia e rugia. Inicialmente, Androcles preparou-se para fugir, mas vendo que o leão não o perseguia, ele voltou para trás e dirigiu-se para o animal. Perante a aproximação de Androcles, o leão estendeu a sua pata, que estava toda inchada e a sangrar, e o escravo fugitivo descobriu que um enorme espinho estava cravado na pata, sendo a causa da dor que o leão sofria. Androcles retirou o espinho e ligou a pata ferida do leão, que rapidamente se pôs de pé e começou a lambê-la a mão do escravo.

Então o leão levou Androcles para a sua caverna e todos os dias trazia-lhe carne para ele se alimentar. Mas, pouco tempo depois, tanto Androcles como o leão foram capturados, e o escravo foi condenado a ser lançado às feras no circo.

O imperador e toda a sua corte estavam presentes no circo quando Androcles foi levado para o meio da arena. Em breve saiu um grande leão que, rugindo, começou a correr em direção à sua vítima. Mas, logo que chegou perto de Androcles, o leão reconheceu o seu amigo e começou a lambê-lhe as mãos. O imperador, surpreendido pelo comportamento da fera, ordenou que Androcles fosse libertado e comparecesse perante ele. Androcles contou-lhe toda a história. Em consequência, o impe-

rador perdoou o escravo e mandou libertar o leão. A gratidão é própria de uma alma nobre.

Tal como fez Androcles, temos de escutar as necessidades das pessoas. Tal como Androcles teve de superar o seu medo do leão, temos de superar o nosso medo das pessoas que são “mundanas” ou que são diferentes, de modo a que possamos compreender do que elas necessitam e levar-lhes o Evangelho. Androcles nunca sonhou que um simples ato de bondade um dia lhe salvaria a vida. Nós devemos escutar os que não são crentes, não para salvarmos a nossa vida, mas para salvarmos a sua vida para a eternidade. ✦

Retirado da revista Guide



O filho *pródigo* dentro de casa

– vivendo como servo e não como filho

O filho mais velho nunca reconheceu o filho mais novo como seu irmão.

A parábola do filho pródigo é a mais bem conhecida de entre as três parábolas que se encontram em Lucas 15. Foi através desta parábola que Jesus respondeu à acusação dos líderes judeus e refutou a crença deles de que os pecadores deveriam ser tratados com indiferença. Nestas parábolas, os perdidos são objeto não de indiferença, mas de amor e cuidado, ilustrando o modo como Deus lida com os pecadores.

Um duplo problema

A parábola do filho pródigo divide-se em duas partes. A primeira conta-nos a história do filho mais novo (versículos 11-24) e a segunda conta-nos a história do filho mais velho (versículos 25-32). O filho mais novo representa “aqueles que uma vez conheceram o amor paterno, mas que consentiram que o tentador os levasse cativos à sua vontade” (*Lições das Parábolas de Jesus*, CPB, 4ª ed., p.

198). Embora ele tenha “desperdiçado a sua fazenda, vivendo dissolutamente” numa “terra longínqua” (versículo 13), a história termina com a frase “e começaram a alegrar-se” (versículo 24). Tem um final feliz.

Esta história do filho mais novo tem sido contada mais frequentemente do que a história do filho mais velho, mas as lições desta segunda metade são igualmente importantes. O filho mais velho representa não apenas “os impenitentes Judeus contemporâneos de Cristo”, mas também “os fariseus de todas as épocas, que olham com desprezo aqueles que consideram publicanos e pecadores” (*Lições das Parábolas de Jesus*, CPB, 4ª ed., p. 209).

Na parábola, ambos os filhos estão perdidos; o mais jovem, depois de ter partido de casa, e o mais velho, enquanto estava ainda na casa do seu pai. Enquanto o segundo filho se tornou pródigo quando deixou o pai e quebrou a

sua relação com ele, o filho mais velho foi sempre um pródigo, porque ele nunca teve uma relação adequada com o seu pai. Este filho mais velho pode ser encontrado, ainda hoje, entre aqueles que vão fielmente à igreja cada semana.

Os problemas do filho mais velho

Então, quais são os problemas do filho mais velho? Eles encontram-se na sua resposta quando o seu pai veio para fora e pleiteou com ele: “Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito, para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado” (versículos 29 e 30).

1. Ele está cheio de justiça própria.

Este filho acreditava que era justo porque nunca desobedecia ao seu pai. Aparentemente, é um filho obediente, e apresenta essa obediência como a base da sua

justiça. Mas esqueceu-se de uma coisa muito importante – o que o torna justo aos olhos do seu pai não é a sua obediência, mas a sua relação com ele. Esta relação baseia-se não no que ele tem feito, mas no que o seu pai tem feito.

Semelhantemente, existem aqueles, hoje, que estão orgulhosos do que têm feito por Deus e pela Igreja e estão “cheios de justiça própria”, porque pensam que “eles mesmos não caíram no mais degradante vício” (*Lições das Parábolas de Jesus*, CPB, 4ª ed., p. 209). No entanto, devemos lembrar-nos de que o que nos torna justos aos olhos de Deus não é o que fizemos, mas é o que Jesus fez por nós.

2. Ele trabalha como um servo em vez de servir como um filho.

O filho mais velho queixou-se ao seu pai acerca dos anos que trabalhou para ele sem recompensa aparente. Dando-nos uma perspectiva mais profunda sobre esta queixa, Ellen White explica: “Quando o pai sai para argumentar com ele, o orgulho e a maldade da sua natureza são revelados. Expõe a sua vida na casa paterna como um ciclo de serviço não reconhecido, e então contrasta de modo ingrato o favor mostrado ao filho que acaba de voltar. Demonstra que o seu serviço era antes o de servo e não de filho. Ao passo que devia ter constante alegria na presença do pai, os seus pensamentos estavam dirigidos aos lucros a serem acumulados por sua vida circunspecta. As suas palavras mostram que por essa razão se privou dos prazeres do pecado” (*Lições das Parábolas de Jesus*, CPB, 4ª ed., pp. 207 e 208).

Por lucro ou por alegria?

O nosso privilégio enquanto filhos de Deus não está em rece-

bermos algo d'Ele, mas em servi-l'O como Seus filhos. Nos dias de Cristo os fariseus “diziam-se filhos na casa de Deus, mas tinham o espírito de mercenários. Não trabalhavam movidos por amor, mas pela esperança de recompensa” (*Lições das Parábolas de Jesus*, CPB, 4ª ed., p. 209). E quanto a nós, hoje?

Tudo o que eu tenho

O que o pai diz ao seu filho na parábola é o que o nosso Pai celestial nos diz hoje. Ele diz aos Seus filhos que estão na Sua casa: “todas as minhas coisas são tuas” (versículo 31).

Isto significa que, seja o que for que Lhe pertença, já nos foi dado como um dom gratuito do amor do Pai. A única coisa que Ele espera de nós, ao dar-nos todas estas coisas, é que vivamos não como Seus servos, mas como Seus filhos. Ele deseja profundamente que nós gozemos a nossa vida como Seus filhos.

3. O filho mais velho não reconhece o seu irmão como irmão.

O filho mais velho nunca reconhece o filho mais novo como seu irmão. O pai e o criado designam-no como “o teu irmão” (versículo 27), mas o filho mais velho designa-o apenas como “este teu filho” (versículo 30).

O filho mais velho ficou zangado quando ouviu falar do regresso do seu irmão e das boas-vindas dadas pelo pai. Esta atitude sugere que ele não estava preocupado com o que tinha acontecido ao seu irmão – parece que ele nunca desejou o seu regresso a salvo.

Em contraste, o pai tinha estado muito ansioso acerca da segurança do seu filho perdido. Desde o dia em que o jovem partiu, o pai esperava ansiosamente pelo seu regresso. Por esta razão, “quando ainda estava longe, viu-o seu pai,

e se moveu de íntima compaixão” (versículo 20). Mas, como o irmão mais velho não tinha partilhado da ansiedade do pai acerca do filho ausente, não partilhou da alegria do pai quando o filho perdido regressou a casa.

Partilhando da tristeza e da alegria do pai

Tal como o filho devia ter partilhado da preocupação e, mais tarde, da alegria pelo regresso do seu irmão transviado, os filhos do Pai celestial devem partilhar da tristeza e da alegria do seu Pai.

Ao não partilhar da preocupação do pai, o filho mais velho intencionalmente negou o facto de que o seu pai ainda amava o filho perdido e que esperava ansiosamente pelo seu regresso. Isto diz-nos que o filho mais velho nunca foi um filho do seu pai no sentido mais genuíno.

Enquanto filhos e filhas de Deus, devemos lembrar-nos de que Ele ama os pecadores. Estes pecadores, que são objeto do amor do nosso Pai celestial, também devem ser objeto do nosso amor. Na parábola nunca houve um tempo em que o pai não reconhecesse o filho perdido como seu filho. Ele nunca renunciou a ser o seu pai. Igualmente, o Pai celestial nunca renuncia aos seus filhos perdidos. Assim, devemos reconhecer o perdido não como “este teu filho”, mas como nosso irmão ou irmã.

Na parábola o filho mais novo “estava morto e reviveu, tinha-se perdido e achou-se” (versículo 32). Mas, e quanto ao filho mais velho, que estava perdido enquanto vivia em casa do seu pai? Será ele achado? A resposta a esta pergunta depende das nossas decisões individuais. ♣

• Kyung Ho Song

Professor de Teologia Sistemática



Casada *mas sozinha* no Sábado

– Viver com um cônjuge descrente

Amanda é membro de uma igreja Adventista suburbana. Estamos na tarde de Sábado e ela está confortavelmente sentada no sofá da sua sala de estar, lendo a *Revista Adventista*. O seu marido, Kevin, assiste na televisão a um torneio internacional de golfe. Ela está sentada de costas voltadas para a televisão, ciente de quem está a ganhar graças aos comentários ocasionais de Kevin. Mas ela continua imersa na sua leitura, apesar do discurso contínuo do comentador desportivo. Esta é uma tarde de Sábado típica para Amanda.

Ironicamente, ela está a ler um artigo sobre a observância do Sábado. Ela acha-o ao mesmo tempo interessante e frustrante, porque a maioria dos conselhos não se encaixam na sua vida com Kevin, o seu

marido descrente. Durante 15 anos, Amanda tem frequentado sozinha a igreja, sendo uma das muitas “viúvas da igreja” numa igreja norte-americana mediana. Mas ela tem “irmãs” por todo o mundo.

Nós não conhecemos a percentagem, mas um grande número de Adventistas está casado com pessoas que não são membros da Igreja, e a maioria desses Adventistas são mulheres. Embora os princípios apresentados neste artigo se apliquem tanto a maridos como a esposas, eles dirigem-se especialmente a mulheres. Os pesquisadores da Igreja dizem-nos que a maioria dos membros Adventistas são mulheres, o que limita o número de homens disponíveis para o matrimónio.

Para tais mulheres, a observância do Sábado é um desafio. Esta é ainda mais difícil nas culturas em que a

mulher é vista como não sendo um parceiro igual na relação matrimonial. Ela pode estar sujeita aos caprichos e às necessidades do seu marido a um ponto tal que o Sábado seja um dia como qualquer outro. Caso ela se recuse a servi-lo, a sua vida seria cheia de tensão, ameaças e até maus-tratos. Se tem alguma sorte, tem um companheiro compreensivo que permite que ela frequente a igreja, o que, nalguns países, pode preencher todo o dia e prover companheirismo espiritual.

Nem todos os lares divididos por causas religiosas envolvem cônjuges. Já ouvimos histórias de crianças e de jovens que se tornaram Adventistas apesar da oposição de pais e de irmãos que não se envolveram ou que se mostraram mesmo hostis. Os seus Sábados podem ser especialmente difíceis. Em muitos



casos, as suas famílias tratam-nos mal ou forçam-nos a abandonar o lar. É claro que estes são casos extremos. A maioria dos conversos ao Adventismo não tem que fazer face a perseguições abertas como estas; mas quase todos os lares divididos por motivos religiosos terão que enfrentar sérios desafios no Sábado, desafios que requerem alguma espécie de compromisso que se afasta do ideal Adventista.

A influência dos frutos espirituais

Um texto bíblico que muitos cônjuges cristãos apreciam é I Coríntios 7:14: “Porque o marido descrente é santificado pela mulher; e a mulher descrente é santificada pelo marido.” Um cônjuge atencioso e amoroso santifica graças à sua influência. Os frutos do Espírito Santo agem como testemunhas do caráter de Deus: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança (Gálatas 5:22 e 23).

Estes frutos espirituais podem soar de modo intimidativo, porque nenhum de nós é um ser humano perfeito. Tentar viver de acordo com um tão elevado padrão pode ser um

fardo num ambiente com valores em conflito. Assim, como podemos alcançar num casamento tais comportamentos elevados e transformadores da vida? Não o conseguimos fazer consistentemente todos os dias. É sempre uma luta, e a observância do Sábado permanece um dos seus maiores testes. Em seguida apresentam-se algumas linhas orientadoras que eu aprendi, graças a muitos anos de experiência.

Faça da oração e do estudo da Palavra uma prioridade. A oração abre a mente à influência do Espírito Santo, que modifica os nossos pensamentos e a nossa vida de acordo com a vontade de Deus. Mas é por de mais frequente que cedamos aos nossos desejos egoístas. Quando isso acontece, é importante pedir perdão antes de o dia terminar.

Nunca resmungue ou tente mudar a outra pessoa. Muitos lares têm sido desfeitos porque a crente espera que o seu marido siga as suas práticas e aceite as suas ideias. Eu lembro-me de uma amiga que se casou com um agnóstico e depois pressionou-o para que ele desse 10% do seu salário à igreja dela cada Sábado. Sendo um homem bom, ele fê-lo durante algum tempo, mas uma tal expectativa contínua acabou por esgotar a sua paciência. Por que razão deveria ele pagar para sustentar ideias nas quais ele não acreditava? A mesma lógica aplica-se ao uso que o marido faz do seu tempo. O modo como um crente se relaciona com o seu cônjuge no Sábado pode ser vital para a apreciação que ele faz do Sábado no futuro. Ligar memórias agradáveis com o Sábado faz com que valha a pena antecipá-lo. Uma vez apresentado o Sábado como um dia para a família, as crianças associam-no com a felicidade. O mesmo pode acontecer com os cônjuges. Viagens pela Natureza proporcionam um modo agradável de se passar o Sábado.

Mas não espere que o seu marido fale de religião ou evite conversas seculares; e não o censure por isso ou por qualquer outro lapso na observância do Sábado. As viagens de Sábado serão recordadas pela família, talvez mesmo para sempre. Considere a possibilidade de passar ocasionalmente todo um dia em passeio. No entanto, não é bom faltar à igreja mais do que uma semana, exceto durante as férias. A não frequência da igreja pode tornar-se num hábito negativo e, além disso, o cônjuge crente necessita do companheirismo de que usufrui na igreja. É verdade que a maioria do entretenimento não se ajusta ao objetivo de santificar plenamente o Sábado, mas, ainda assim, podemos encontrar coisas apropriadas, criativas e divertidas para fazer em família.

Adore juntamente com outros crentes e faça amizades duradouras na sua igreja. Estes amigos são o seu grupo de apoio. A observância do Sábado pode ser realizada em conjunto com outras mulheres que também frequentem sozinhas a igreja. A mulher de um evangelista contou-me acerca de um grupo de mulheres na Rússia que adorava no apartamento de uma mulher solteira cada Sábado e passava aí o dia. Este retiro espiritual semanal evitava os problemas de se observar sozinha o Sábado em casa (mas apenas se o marido não se sentisse abandonado). Uma tal prática pode não funcionar em todos os lugares, mas oferece, de facto, uma alternativa única.

Nunca diga que o seu cônjuge está perdido, nem creia que o seu casamento é um erro. E se fosse o seu cônjuge a crer que você estava perdida? Como é que isso afetaria a vossa vida conjugal? No entanto, eu acredito que muitas esposas creem nisto e chegam mesmo a dizê-lo ao seu marido. Imagine, também, como se sentiria, se o seu cônjuge cresse que o vosso ca-

samento era um erro.

Não discuta sobre religião. Isto nunca ajuda, porque tal não faz a pessoa mudar de ideias; pelo contrário, fortalece as opiniões particulares daqueles que discutem. Isto é especialmente verdade no que toca ao Sábado, o qual pode tornar-se facilmente num dia associado com confrontação. A maior parte dos casamentos divididos por causa da religião juntam um crente com um cônjuge sem religião. No entanto, é pouco usual, mas não impossível, que dois crentes asseritivos se encontrem num casamento interdenominacional. Quando uma mulher se casa com um crente empenhado que professa outra fé, é importante que ela respeite essa fé. Se ela espera que o seu marido frequente a igreja com ela, ela deve estar disponível para frequentar a igreja dele. O casal deve ter como objetivo não argumentar sobre as suas diferenças, mas enfatizar as semelhanças. Ao orarem e ao estudarem juntos, eles abrem a sua vida ao Espírito Santo. Nenhum dos dois deve insistir sobre uma interpretação particular da Bíblia, a não ser que o companheiro peça para fazer parte de uma tal discussão. Lembrem-se de se ouvirem mutuamente: podemos aprender com a jornada de fé do outro. Seja compreensiva e troque ideias de um modo não ameaçador. Discuta com um marido descrente as razões que o levam a sentir-se desconfortável com a religião organizada ou com o Cristianismo. Muitos não confiam na religião devido a experiências negativas. Talvez eles tenham crescido num lar em que a religião era mais tóxica do que positiva; ou podia ter sido um lar em que a religião não existia ou era desprezada. Muitos maridos judeus têm sido educados com um sentimento de desconfiança do Cristianismo. Eu conheço um homem judeu cuja avó

foi forçada a converter-se ao Catolicismo na Europa, antes da II Guerra Mundial, o que suscitou nele um desprezo pelas religiões estruturadas. Podemos ser compreensivas com a experiência da religião que o nosso cônjuge tenha e devemos respeitar os seus sentimentos.

Considere a possibilidade do compromisso. Um compromisso nem sempre é algo negativo e muitas vezes é necessário para que haja paz e respeito nos lares em que a mulher e o marido têm crenças diferentes. A esposa adventista deve decidir o que pode ou não pode ser alvo de compromisso. Sabemos que, para o Sábado ser verdadeiramente Sábado, devemos evitar certas tarefas identificadas com o mundo do trabalho; isto significa, em geral, não trabalhar em casa ou num emprego. Mas não há uma fórmula geral que se aplique a todas nós; não há um modo de guardar o Sábado que se ajuste a todos os casos nestes lares que não são tradicionais lares adventistas. O cônjuge adventista deve considerar, em espírito de oração, o que funciona melhor na sua situação particular.

Planifique antecipadamente.

Chegar a casa após viver um tempo de alegria na igreja entre amigos que amam o Senhor pode ser um pouco deprimente no Sábado. Quando uma mulher entra em casa, pode ser recebida por uma televisão em alto som e pode sentir a necessidade de se apressar para preparar o almoço. É como se o Sábado tivesse chegado ao fim! Mas não chegou. Na verdade, está à distância de uma oração. Nada pode estragar a alegria do Sábado mais rapidamente do que uma resposta a esse dia que não foi preparada. Muitas famílias da Igreja planeiam as atividades do Sábado na tarde de sexta-feira. O cônjuge de um não crente deve planejar o Sábado de um modo ainda mais cuidadoso. Se existem crianças na

família, isto significa conduzi-las de modo a que elas apreciem o Sábado. Isto pode tornar-se num problema quando o cônjuge descrente discorda quanto ao que as crianças devem fazer, e a esposa crente tem, frequentemente, de aceitar a decisão do marido, porque ela não é a única educadora. Infelizmente, o marido pode nunca vir a sentir-se confortável com as escolhas para o Sábado da sua mulher adventista, e a aceitação deste facto é um dos desconfortos inerentes a uma tal relação.

Vale a pena a espera

Tal como as Amandas do Adventismo lhe podem dizer, estar casada com um marido descrente ou que pertence a outra fé é uma estrada solitária, na qual frequentemente nos sentimos isoladas. Aquelas que valorizam a alegria de se poder conversar acerca dos assuntos da fé apenas podem imaginar como tal será, quando tais perceções não estão ao seu dispor. É um pouco como residir numa dimensão diferente do nosso companheiro; a incapacidade de partilhar intuições e verdades espirituais é dolorosa: aquilo que considera mais precioso na vida não pode ser compreendido pela pessoa que você ama. É uma situação que pode levar alguns a desviarem-se da sua Igreja e da sua fé.

No entanto, há alguns casos em que este tipo de casamentos funciona bem. Neste caso, são necessários dois adultos maduros e amorosos que sejam capazes de viver com as suas diferenças sobre a relação mais importante da vida – a sua relação com Deus. Pode levar anos, mas para aqueles que persistem, pode valer a pena esperar.

No fundo, tudo gira em torno da aceitação, da esperança, da fé e do amor. E o maior destes é o amor. ✨

• Katherine Carey
Escritora freelancer

Excelência, *Ranking* e Filosofia Educacional Adventista: Um equilíbrio possível?

As escolas adventistas não estão isentas do escrutínio anual dos *rankings* de escolas em resultado das provas finais de Ciclo do Ensino Básico, da responsabilidade do Ministério de Educação e Cultura do Governo Português. Graças a Deus pela existência destes *rankings*,

pois o sistema escolar adventista mundial é movido por um ideal de excelência e busca, por isso, os melhores resultados escolares para os seus alunos. Prepará-los academicamente para o seu restante percurso escolar e para o desafiante ingresso no mundo do trabalho é uma realidade inegável que, em

muito, contribuirá para a boa imagem, subsistência e sobrevivência das escolas. Tudo isto é verdade, mas será que as escolas adventistas estão reféns destes *rankings*? São os *rankings* determinantes no processo de ensino-aprendizagem? A posição anual de uma escola adventista nos *rankings* condiciona



o seu processo de matrículas? Têm as escolas adventistas como hábito selecionar alunos, aceitando uns e preterindo outros, pois o que importa é a tão desejada posição nos *rankings* nacionais? Por fim, uma última pergunta para análise e reflexão: Como se posiciona a Rede Escolar Adventista do Sétimo Dia, possuidora de uma Filosofia Educacional tão própria, em relação a esta problemática? Haverá equilíbrio possível?

Antes de mais, procuremos definir, em breves palavras, a Filosofia Educacional Adventista. De acordo com a declaração da Comissão de Declaração de Filosofia da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, de 26 de março de 2001, “A educação adventista provê mais do que conhecimento acadêmico. Promove um desenvolvimento equilibrado da pessoa toda – espiritual, intelectual, física e socialmente. Ela abarca a eternidade. Procura desenvolver uma vida de fé em Deus e respeito pela dignidade de todos os seres humanos; formar caracteres semelhantes ao do Criador; encorajar pensadores em vez de meros refletores dos pensamentos

de outros; promover serviço amável em vez de ambição egoísta; assegurar o máximo desenvolvimento do potencial de cada indivíduo e abraçar tudo o que é verdadeiro, bom e belo.” Nesta perspectiva e nesta linha de pensamento surge, então, a finalidade maior da educação adventista: Restaurar e redimir o ser humano, seja ele aluno, docente ou outro interveniente no processo educativo. Mas esta finalidade tem que ser contextualizada e fundamentada. Considerando a Bíblia como fonte da autorrevelação de Deus, a educação adventista possui uma cosmovisão teísta, acreditando na existência de um Deus Criador que criou todas as coisas, incluindo o ser humano. Este foi criado à imagem e semelhança de Deus como ser perfeito e dotado de livre arbítrio. No cenário do Grande Conflito cósmico entre o bem e o mal, e em resultado da entrada do pecado no planeta Terra, o ser humano vai cair e perder parcialmente a imagem de Deus e a ligação face a face que tinha com Ele. Diante da incapacidade do ser humano de restaurar a sua própria natureza, Deus toma a inicia-

tiva para que essa restauração seja uma realidade. Como? Através do nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Desta forma, a educação do ser humano é vista como um ministério, um ministério restaurador da imagem de Deus na Humanidade. Mas não se trata somente da restauração do ser humano, mas também do mundo e da sua história. E esta cosmovisão completa-se com o retorno do Criador a este mundo e com a esperança da vida eterna onde, restauradas para sempre, as criaturas voltarão a estar próximas do Criador, o seu Redentor.

Desta forma, como deve ser encarado e tratado cada aluno numa escola dita cristã e que segue tais princípios filosóficos? Como alguém que unicamente tem que tirar excelentes notas para reforçar a posição da escola no *ranking*? Ou como alguém merecedor de todo o carinho, amor, entrega, pois é alguém especial, alguém que deve ser educado para a restauração e salvação, independentemente dos seus sucessos ou insucessos escolares? Que tipo de sucesso é que a educação adventista valoriza? Tomemos o exemplo de um aluno que, apesar





das dificuldades de aprendizagem, dá o seu máximo e consegue transitar de ano. Não é esta uma vitória de assinalar e valorizar?

E se for o caso de um aluno que apresenta dificuldades de comportamento ou de relacionamento, não é também um filho de Deus que merece uma oportunidade de restauração e salvação?

Pois bem, o caminho parece que nos dirigiu para uma encruzilhada, mas na realidade não é difícil sair dela.

Sim, uma escola adventista deve potenciar cada indivíduo, trabalhá-lo segundo padrões de excelência, mas nunca perdendo de vista que é um ser humano com limitações, mas merecedor da graça redentora de Jesus Cristo e de uma oportunidade de transformação. Se o aluno muda a sua postura e/ou aproveitamento, obtendo resultados inesperados e merecedores de louvor, pois superou-se a si próprio, dando tudo o que tinha, não será tal transformação motivo de alegria? Com certeza, sim, mas isso em nada contribui para o *ranking*, pois não é mensurável ou alvo de qualquer avaliação. Muito bem! Mas uma coisa é certa, a transformação do ser humano é bem mais importante do que os *rankings* humanos e terrenos. Afinal, cada aluno é um candidato à vida eterna e esta visão deve continuar bem enraizada no sistema escolar adventista.

Mas o caminho prossegue! E o que dizer dos muitos alunos que, com bons resultados, vão dando às escolas adventistas lugares interessantes¹ nos referidos *rankings*? Muitas conclusões poderemos aferir, mas uma delas é inevitável: O trabalho desenvolvido nas escolas adventistas é sério, é realizado com profissionalismo e qualidade. Logo, parece possível afirmar que é possível obter o equilíbrio entre a excelência, a importância dos *rankings* e a Filosofia Educacional Adventista. Sim, assim nos parece, mas nunca se deve, em momento algum, perder de vista o objetivo maior da Educação Cristã Adventista, que, segundo Ellen G. White, é “restaurar no homem a imagem do seu Autor”.²

Nesta linha de pensamento, e segundo o conselho do Espírito de Profecia, “Precisamos de educar, educar, educar, agradável e inteligentemente. Devemos pregar a verdade, orar sobre a verdade e viver a verdade, levando-a com a sua graciosa e saudável influência, ao alcance dos que não a conhecem”.³ Pregar, orar e viver, eis o segredo para o sucesso das escolas adventistas. Esse sucesso poderá ser medido pelos bons posicionamentos nos *rankings* nacionais anuais, mas sem dúvida que os melhores resultados possíveis de alcançar são as vidas transformadas e tornadas candidatas ao Reino Eterno. Se a concorrência

aparentar estar em melhor posição pelo lugar nos *rankings* e os docentes, não docentes, diretores e administradores das escolas adventistas pensarem como o Salmista: “Porém, quando vi que tudo ia bem para os orgulhosos e maus, quase perdi a confiança em Deus porque fiquei com inveja deles”,⁴ confiem em Deus e digam, tal como o Salmista: “No entanto, estou sempre contigo, e tu me seguras pela mão. Tu me guias com os teus conselhos e no fim me receberás com honras.”⁵ Sim, muitas honras Deus guardará para todos aqueles profissionais de educação que forem verdadeiros veículos de transmissão de valores eternos.

Oramos para que Deus possa continuar a dirigir a educação adventista em Portugal e no mundo, que o sucesso eterno seja buscado diariamente e que o amor de Deus e a Deus continuem a crescer. ♦

• **Tiago Alves**

Diretor do Departamento de Educação da UPASD

1. Exemplo de uma posição muito razoável foi a alcançada pelos alunos do 9º Ano do Colégio Adventista de Oliveira do Douro no ano letivo de 2013/2014, a saber, o 28º entre 1247 escolas nacionais e 2º no Concelho de Vila Nova de Gaia. Fonte: *Rankings* do PÚBLICO/Universidade Católica Portuguesa para as escolas do ensino básico e secundário, de acordo com as notas dos exames nacionais (29 novembro 2014).

2. Ellen G. White, *Educação*, p. 15.

3. Ellen G. White, *Medicina e Salvação*, p. 262.

4. Salmo 73:2 e 3 (Versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje).

5. Salmo 73:23 e 24 (Versão Nova Tradução na Linguagem de Hoje).

CAMPANHA 2015



ADRA
PORTUGAL

DAR SABOR À VIDA

MUDANDO O MUNDO,
UMA VIDA DE CADA VEZ.

PARTICIPE!

01-10
DE MAIO



ADRA
PORTUGAL

ASSOCIAÇÃO ADVENTISTA PARA O DESENVOLVIMENTO, RECURSOS E ASSISTÊNCIA

Rua Ilha Terceira, nº 3, 3º | 1000-171 Lisboa // Telefone: 21 358 05 35 Fax: 21 358 05 36



WWW.ADRA.ORG.PT

INFO@ADRA.ORG.PT

NIB 0046 0017 00600031025 77